



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

FRANCISCA ALDILENE MACIEL DE SOUSA

O ESTUDO DO MEIO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM EM
GEOGRAFIA: um Estudo de Caso em Geografia no 5º Ano do Ensino Fundamental.

CAJAZEIRAS – PB

2017

FRANCISCA ALDILENE MACIEL DE SOUSA

O ESTUDO DO MEIO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM EM
GEOGRAFIA: um Estudo de Caso em Geografia no 5º Ano do Ensino Fundamental.

CAJAZEIRAS – PB

2017

FRANCISCA ALDILENE MACIEL DE SOUSA

O ESTUDO DO MEIO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM EM
GEOGRAFIA: um Estudo de Caso em Geografia no 5º Ano do Ensino Fundamental.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Geografia do Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras – PB, como requisito necessário para a obtenção do grau de Licenciada em Geografia. Orientadora: Prof.^a Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves.

CAJAZEIRAS – PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

S725e Sousa, Francisca Aldilene Maciel de.
O estudo do meio no processo de ensino aprendizagem: um estudo de caso na geografia do 5º ano do ensino fundamental / Francisca Aldilene Maciel de Sousa. - Cajazeiras, 2017.
70p.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves.
Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2017.

1. Estudo do meio. 2. Ensino - aprendizagem. 3. Ensino - método. 4. Ensino - geografia. I. Alves, Cícera Cecília Esmeraldo. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 37.02:910.2

FRANCISCA ALDILENE MACIEL DE SOUSA

O ESTUDO DO MEIO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM EM
GEOGRAFIA: um Estudo de Caso em Geografia no 5º Ano do Ensino Fundamental.

Aprovado em: ___ / ___ / _____.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves (CFP/UFCG – Orientadora)

Prof.^a Me. Maria da Glória Vieira Anselmo (CFP/UFCG – Examinador Interno Titular)

Prof.^a Dra. Iveralda Dantas Nóbrega Di Lorenzo (CFP/UFCG – Examinador Interno Titular)

CAJAZEIRAS – PB

2017

Dedico primeiramente a Deus, que é o autor do meu destino, ser este que é responsável para que todas as coisas aconteçam, que me deu força nos momentos difíceis e me fez persistir até o fim, e assim poder realizar mais uma etapa de minha vida. À minha família, principalmente aos meus pais Marlene Quirino e Antônio Maciel, que sempre acreditaram em mim e não mediram esforços para que eu conseguisse concretizar este sonho. Quero agradecer de forma especial a minha irmã Aldilânia Maciel, pelo apoio que sempre me deu durante todo o Curso, com paciência e carinho. À meu avô Francisco Quirino de Sousa (*In Memoriam*), pela dedicação que sempre teve comigo, atento as minhas dificuldades, buscando de todas as maneiras me oferecer sua ajuda e carinho. À minha tia Marly Quirino que desempenhou um papel fundamental para a minha formação acadêmica, desde do início, até a Universidade. Seu incentivo e afeto não permitiu que eu desistisse.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, por ter me dado força e determinação para enfrentar as dificuldades no decorrer dessa caminhada.

A minha orientadora, Prof.^a Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves, pela orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desse trabalho.

Aos professores do curso de Licenciatura em Geografia desta instituição, por todas as orientações e pela construção dos conhecimentos adquiridos, que foram essenciais para a minha formação.

Aos meus pais, Marlene Quirino e Antônio Maciel, pelo amor, carinho, incentivo e apoio incondicional, pelos ensinamentos que levarei comigo por toda a vida.

Aos meus colegas de Curso, por compartilharem todos os momentos e por serem pessoas fundamentais em todo o processo de aprendizado.

A Banca Examinadora, constituída pelas Professoras Me. Maria da Glória Vieira Anselmo e Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo, além da Orientadora, pela contribuição junto ao aprimoramento deste trabalho.

A todos, que de forma direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado!

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo de busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Paulo Freire

RESUMO

O Estudo do Meio trata-se de uma técnica interdisciplinar de ensino que busca, na prática, promover o contato entre os estudantes e os fenômenos propostos e estudados, produzindo assim novos conhecimentos, estabelecendo, a princípio, um diálogo diferenciado frente as diversas dimensões existentes. Nesta perspectiva, o presente trabalho, intitulado: “O Estudo do Meio no Processo de Ensino Aprendizagem: um estudo de caso na Geografia do 5º Ano do Ensino Fundamental, cuja importância se justifica frente a necessidade da possibilidade de análise das práticas desenvolvidas pelos professores em uma comunidade rural e o consequente diagnóstico do aprendizado proporcionado aos alunos através do exercício deste recurso metodológico. De tal modo, tem-se como objetivo promover a análise acerca do desenvolvimento da aprendizagem dos alunos mediante realização do Estudo do Meio, possibilitando a estes desenvolver a capacidade de distinguir acerca das mudanças ocorridas no espaço através da atividade humana. O marco teórico principal estabelecido se relaciona ao objeto de estudo, apresentando contribuições que corroboram para um constante aprendizado acerca do ensino de geografia e seu objeto de estudo, com ênfase as categorias geográficas e as práticas pedagógicas que norteiam o processo de preparação e desenvolvimento da atividade de Estudo do Meio. No tocante a metodologia utilizada, cabe destacar o emprego de métodos e técnicas definidas mediante análise prévia, no qual se destacam os métodos de abordagem hipotético-dedutivo e de procedimento monográfico, bem como, as técnicas de pesquisa de documentação indireta (pesquisa bibliográfica), documentação direta (pesquisa de campo), observação direta intensiva (observação sistemática e participante) observação direta extensiva (questionário). Este estudo possibilitou aos alunos desenvolverem sua capacidade de distinguir e avaliar as mudanças ocorridas no espaço ao longo dos tempos através da atividade humana, servindo ainda de embasamento para pesquisas futuras.

Palavras-chave: Estudo do Meio. Ensino-Aprendizagem. Recurso Metodológico.

ABSTRACT

The Middle Study it is an interdisciplinary teaching technique that seeks, in practice, to promote the contact between students and the phenomena proposed and studied, thus producing new knowledge, establishing, at first, a differentiated dialogue in front of the various existing dimensions. In this perspective, the present study, entitled "The Middle Study in the Teaching Learning Process: a case study in the Geography of the 5th Year of Elementary School, whose importance is justified in view of the need to analyze the practices developed by teachers in a rural community and the consequent diagnosis of the learning provided to the students through the exercise of this methodological resource. In this way, the objective is to promote the analysis about the development of students' learning through the study of the environment, enabling them to develop the ability to distinguish between changes occurring in space through human activity. The main theoretical framework established relates to the object of study, presenting contributions that corroborate to a constant learning about the teaching of geography and its object of study, with emphasis on the geographic categories and the pedagogical practices that guide the process of preparation and development of the activity of the Middle Study. Regarding the methodology used, it is worth mentioning the use of methods and techniques defined by previous analysis, in which the methods of hypothetical-deductive approach and monographic procedure are highlighted, as well as indirect documentation research (bibliographic research), direct documentation (field research), intensive direct observation (systematic observation and participant) extensive direct observation (questionnaire). This study allowed students to develop their ability to distinguish and evaluate the changes that occurred in space over time through human activity, and also serve as a foundation for future research.

Keywords: Middle Study. Teaching - Learning. Methodological Resource.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa de Localização da Comunidade Várzea da Serrinha, São João do Rio do Peixe-PB	41
--	----

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1- E.M.E.I.E.F. “Maria de Sousa Lira Muniz”, comunidade Várzea da Serrinha	41
Fotografia 2- Elementos da paisagem e caprinocultura na comunidade Várzea da Serrinha	44
Fotografia 3- Broca da vegetação e reservatório seco na comunidade Várzea da Serrinha...	45
Fotografia 4- Vegetação degradada e residências na comunidade Várzea da Serrinha	45
Fotografia 5- Residência abandonada na comunidade Várzea da Serrinha	46
Fotografia 6- Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, São João do Rio do Peixe.....	47
Fotografia 7- Estação Ferroviária e Mercado Público de São João do Rio do Peixe.....	47
Fotografia 8- Núcleo residencial e a Praça São Francisco em São João do Rio do Peixe	48
Fotografia 9- Escola de Ensino Infantil e Fundamental em São João do Rio do Peixe	49
Fotografia 10- Unidade de Saúde da Família em São João do Rio do Peixe	50
Fotografia 11- Agência Bancária em São João do Rio do Peixe	51

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Etapas da organização do Estudo do Meio	37
Quadro 2- Tipos de Estudo do Meio e suas subdivisões.....	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Caracterização dos alunos participantes do Estudo do Meio	52
Tabela 2- Tipos de paisagens naturais e culturais identificadas pelos alunos	56

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Alunos que gostam da disciplina Geografia e se a consideram importante	53
Gráfico 2- Alunos que já participaram de atividades de Estudo do Meio	54
Gráfico 3- Alunos que já frequentaram os lugares visitados no Estudo do Meio	55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

E.M.E.I.E.F.	Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
VFCO	Viação Ferroviária Centro-Oeste

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 A GEOGRAFIA E SEU OBJETO DE ESTUDO: O ESPAÇO GEOGRÁFICO	19
1.1 ENSINO-APRENDIZAGEM E GEOGRAFIA: A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO	24
2 OS RECURSOS DIDÁTICOS: METODOLOGIAS A SEREM TRABALHADAS ...	28
2.1 O LIVRO DIDÁTICO.....	29
2.2 RELACIONANDO OS CONTEÚDOS COM O ESTUDO DO MEIO	33
2.3 A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DO MEIO	35
3 ESTUDO DO MEIO: UM ESTUDO DE CASO EM UMA TURMA DO 5º ANO	40
3.1 SISTEMATIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS GEOGRÁFICOS	41
3.1.1 Trabalho de campo na comunidade.....	42
3.1.2 Análise das imagens da área urbana	46
3.1.3 Sistematização através da aplicação de questionários	51
3.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS: A PERCEPÇÃO DOS SUJEITOS	51
3.2.1 Caracterização e análise dos alunos.....	52
3.2.2 Apresentação e avaliação do docente.....	57
CONSIDERAÇÕES	58
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICES	63

INTRODUÇÃO

O presente estudo, intitulado “O Estudo do Meio no Processo de Ensino Aprendizagem em Geografia: um Estudo de Caso em Geografia no 5º Ano do Ensino Fundamental”, foi realizado na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental “Maria de Sousa Lira Muniz”, mediante participação dos alunos regularmente matriculados, sendo auxiliado pela professora responsável pela turma.

As razões de ordem teórica que justificam a realização deste trabalho são motivadas pela ordem prática desta ação, das quais deveriam tornar o desenvolvimento do Estudo do Meio como uma proposta metodológica importante para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Esta prática se estabelece, principalmente nas escolas do campo, como uma novidade para educadores e alunos, haja vista as particularidades existentes no contexto sociocultural destas comunidades.

É comum vermos nas escolas do campo professores reclusos as práticas de ensino tradicionalistas, afeiçoado ao cotidiano em sala de aula, como meros transmissores de informação. Nesta perspectiva, este trabalho surge como possibilidade de análise das práticas desenvolvidas pelos professores em uma comunidade rural, tendo como pilar, o ensino de geografia no término da primeira fase do Ensino Fundamental e o consequente diagnóstico do aprendizado proporcionado aos alunos através do exercício deste recurso metodológico.

Entre os fatores que possivelmente possam vir a interferir na realização deste tipo de atividade de ensino neste tipo de unidades escolar são, primeiro, a dificuldade de viabilização do estudo em ampla escala (deslocamento), e, segundo, o princípio tradicionalista de ensino desenvolvido por parte dos professores destas comunidades. Deste modo, eis a necessidade de análise dessas hipóteses tal qual estejam evidentes, proporcionando assim avalia-las continuamente.

Outrossim, pautamos esta pesquisa tendo como objetivo promover a análise acerca do desenvolvimento da aprendizagem dos alunos mediante realização do Estudo do Meio, possibilitando a estes desenvolver a capacidade de distinguir acerca das mudanças ocorridas no espaço através da atividade humana, independentemente de sua necessidade ou incipiência. Não obstante, eis de se considerar as propostas pedagógicas estabelecida pelos núcleos externos e superiores da unidade de ensino, com ênfase as asserções apresentadas pelo livro didático adotado, instrumento influente nos primeiros anos da Educação Básica. De tal modo, para sua realização, propôs-se apresentar como procedimento metodológico básico o emprego de métodos e técnicas essenciais para o Estudo do Meio e para a coleta de dados.

Assim, delimitou-se para execução da pesquisa o uso de métodos de abordagem e de métodos de procedimento, dos quais apresentam-se assim descritos por Marconi e Lakatos (2003): a) método de abordagem hipotético-dedutivo, um estudo que se inicia pela percepção de uma lacuna nos conhecimentos e a consequente formulação de hipóteses, buscando através do processo de inferência dedutiva, atestar o prognóstico e a ocorrência dos fenômenos identificados previamente (p. 106); e b) método de procedimento monográfico, partindo do princípio de que qualquer caso que se estude em profundidade pode ser considerado representativo de muitos outros ou até de todos os casos semelhantes e consiste no estudo de determinados indivíduos, grupos ou ações, com a finalidade de obter generalizações (p. 108);

Complementando, entre as técnicas de pesquisa necessárias a coleta de dados, apresentam-se como estabelecidas as pesquisas de: a) documentação indireta, através da pesquisa bibliográfica, a exemplo, publicações como dissertações, monografias, artigos científicos e livros específicos (pp. 174-185); b) documentação direta, através da pesquisa de campo, de caráter quantitativo-descritivo, sendo necessário a verificação das hipóteses, o estudo programado, a descrição dos sujeitos e o estudo da relação das variáveis (pp. 186-189); c) observação direta intensiva, através da observação, de caráter sistemática, participante, em equipe e na vida real (pp. 190-195); e d) observação direta extensiva, através da aplicação de questionários, composto por perguntas abertas, fechadas e de múltipla escolha com mostruário (pp. 201-207);

O trabalho divide-se em cinco momentos, composto, a princípio, por este capítulo introdutório, onde dispôs-se a temática definida e a justificativa estabelecida para sua escolha, sua relevância e as contribuições para a área do conhecimento na qual se insere, assim como, a problemática que envolve este tema, as hipóteses a ela estabelecida e os objetivos que se almejam a partir de sua execução.

Nos capítulos seguintes (capítulo 2 e 3) são abordados como parte integrante do quadro-teórico apresentado, como já mencionado, os conceitos e delimitações acerca do ensino de geografia e seu objeto de estudo, com ênfase as categorias geográficas, tendo como pauta o ensino-aprendizagem em geografia e a relação professor-aluno. Esta relação está intrinsecamente ligada ao uso de recursos didáticos e de metodologias necessárias à sua plena execução, no qual pontuamos, o livro didático como forma de abranger conteúdos, específicos, relacionando-os com a temática central do trabalho, isto é, o estudo do meio e sua importância como possibilidade de vivência e aprendizado.

Seguindo a proposta estabelecida, mediante subvenção do arcabouço teórico constituído, foi realizado e exposto no capítulo seguinte (capítulo 4), a experiência da atividade

de Estudo do Meio, mediante um estudo de caso que envolveu a turma do 5º ano da E.M.E.I.E.F. “Maria de Sousa Lira Muniz”, através da sistematização de conhecimentos geográficos, foi possível transferir da teoria à prática as noções construídas em sala de aula. Esta atividade foi dividida em três momentos distintos, composto pelo Estudo do Meio na comunidade, pela análise de imagens (fotografias) e pela sistematização destes momentos através da aplicação de questionários, dos quais possibilitaram desenvolver a análise dos resultados através da percepção dos sujeitos, os alunos participantes e a professora por eles responsável.

Por fim, são apresentadas as considerações acerca da realização desta asserção. Nele, é possível observar as inferências positivas e negativas identificadas ao longo da execução da atividade de Estudo do Meio, estabelecendo assim, parâmetros necessários ao aperfeiçoamento e consolidação do processo de ensino-aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

1 A GEOGRAFIA E SEU OBJETO DE ESTUDO: O ESPAÇO GEOGRÁFICO

A geografia é a ciência que estuda o espaço geográfico, a relação entre homem natureza, analisa os aspectos físicos e sociais, ou seja, as modificações que ocorrem ao longo do tempo. De acordo com Santos (2006, p. 63), o espaço geográfico “é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. Partindo dessa perspectiva, percebe-se que é um local considerado ambiente das relações humanas, sendo de grande importância para a compreensão do mundo em que vivemos o qual se encontra em constante transformação. Segundo Moreira (2009, p 18):

A geografia apresenta-se como uma ciência de síntese, participando de seu discurso os processos produtivos como a administração da natureza e dos homens, costurando a unidade da produção e do poder com fios fornecidos precisamente pelas teorias que os geógrafos consideram estranha ao seu saber.

Nesse contexto, entende-se que a geografia é uma ciência de grande relevância científica, pois, nos dá oportunidade de conhecer melhor o mundo contemporâneo que é bastante complexo. Nas escolas, é ministrada por parte de alguns professores, como conteúdo interdisciplinar, isto é, envolvendo outras disciplinas como: a Filosofia, a Biologia, a Matemática e a Ecologia, das quais se fazem necessário para um melhor entendimento do espaço Geográfico.

A geografia teve seu avanço enquanto disciplina e sistematização em meados do século XIX, com Humboldt e Ritter. A partir destes dois autores, surgiram as primeiras correntes de pensamento geográfico, são elas: o Determinismo Ambiental, o Possibilíssimo, o Método Regional, a Nova geografia e a geografia Crítica. Segundo Correa (2000, p. 08), “cada uma delas com suas práticas teóricas, empíricas e políticas, seguindo uma sequência histórica, predomina, ou coexiste com outra corrente [...]”.

O determinismo, conforme explicitam Dantas e Medeiros (2011, p. 08), considerava o homem com um produto do meio, logo, deveria adaptar-se ao meio ambiente para que pudesse sobreviver. Este paradigma, segundo Correa (2000, p. 09) fundamentou-se na teoria naturalista de Lamarck (hereditariedade dos caracteres adquiridos) e de Darwin (sobre a vivência e adaptação dos seres vivos no meio natural), assim enfatizando:

Foi o determinismo ambiental o primeiro paradigma a caracterizar a geografia que emerge no final no século XIX[...], [...] afirmam que as condições naturais, especialmente as climáticas, e dentro delas a variação da temperatura ao longo das estações do ano determinam o comportamento do homem, interferindo na sua capacidade de progredir. Cresceriam aqueles países ou povos que estivessem localizados em áreas meteorológicas mais propícias (CORREA, 2000, p. 09-10).

Sendo assim, o desenvolvimento ocorria de forma desigual, visando sempre à conquista de espaço para suprir as necessidades de determinadas comunidades da época, ideia de espaço vital, do poder, ou seja, quem estivesse mais próximo às condições de desenvolvimento ou subdesenvolvimento era fruto do meio. O homem agia de forma ativa na sociedade buscando seu espaço, e assim surgia o expansionismo, em uma luta constante em fixar e adquirir seu território. Dessa forma, entende-se que o indivíduo seria um produto do meio, para autores do determinismo ambiental.

Já a escola Possibilista, enfatiza que o homem como ser racional, é um elemento ativo, portanto, tem condições de modificar o meio natural e adaptá-lo de acordo com suas necessidades. Nesse sentido, Correa (2001, p. 11), diz que: “[...] a visão possibilista focaliza as relações entre o homem e o meio natural, mas não o faz considerando a natureza determinante do comportamento humano”. Ou seja, diferente do determinismo, abre possibilidades de desenvolvimento diante da paisagem, capaz de modificar o espaço, e através de suas ações e intervenções, são capazes de provocar diversas mudanças.

Logo após surge o método regional que vem romper com o determinismo e com o possibilismo geográfico, sendo que “o método regional focaliza assim o estudo de áreas, erigindo não uma relação causal ou a paisagem regional, mas a sua diferenciação como objeto da geografia” (CORREA 2001, p. 14). Dessa forma, afirma a importância de se trabalhar o espaço e os lugares, adotando o método de similaridade e diferenciação, trabalhando com informações dos geógrafos de forma descritiva dos lugares, dividindo a terra em regiões.

As bases filosóficas foram desenvolvidas por Vidal de La Blache e Richard Hartshorne e não utilizava o termo região. Para eles, os espaços eram divididos em classes de áreas, trabalhavam com a diferenciação dos espaços, fazendo estudo particularizado de cada um, levando em conta a homogeneidade. Nessa perspectiva, estabelece uma geografia de nível regional para conhecer melhor as características e potencial de cada região, e assim, entendê-las e explorá-la.

Diante do pressuposto, entende-se que a partir desse momento, surgiu a Nova geografia após a segunda guerra mundial, com o objetivo de entender o meio capitalista da época, trabalhava com meios estatísticos e com dados que eram coletados de acordo com cada época.

Esses dados eram analisados para uma melhor compreensão do espaço. De acordo com Correa (2001, p. 18), “a nova geografia adota uma postura pragmática que se associa a difusão do sistema de planejamento do Estado capitalista, tendo o positivismo lógico como método de apreensão do real, assumindo assim uma pretensa neutralidade científica”. Essa nova corrente aplicou a matemática nos estudos geográficos, pois acreditava tornar a Geografia mais precisa, assegurando que o subdesenvolvimento é uma fase obrigatória que deve ser superada para atingir o desenvolvimento.

Durante a década de 1970 e 1980, o conhecimento geográfico passa por transformações que é denominada de Geografia Crítica, que vem contrastar as demais correntes de pensamento, fugindo da Geografia tradicional. Segundo Correa (2001, p. 23), “Essa geografia descobre o Estado e os demais agentes da organização espacial: os proprietários fundiários, os industriais, os incorporadores imobiliários etc.”. Dessa forma, percebe-se que é uma disciplina de análise e interpretação, com uma nova forma de ver a sociedade, onde o conhecimento deve surgir como base para se mudar a situação vigente.

Para Moreira (2009, p. 58), “a geografia é um saber vivido e aprendido pela própria vivência. Um saber que nos põe em contato direto com o nosso mundo exterior, com o seu todo e com cada um de seus elementos, a um só tempo (...)”. Nesse contexto, pode-se observar que a geografia nos faz conhecer o mundo que nos cerca e também sua totalidade, através da vivência e com o passar do tempo.

Diante das palavras de Moreira (2009), percebe-se que a geografia é importante na sociedade contemporânea, pois, para entendê-la é necessário saber e conhecer a Geografia, ciência que se faz imprescindível para uma reflexão crítica e para o entendimento da relação sociedade-natureza. Alguns indivíduos, através desses entendimentos, veem o espaço com outros olhos, diferentemente das pessoas que não detêm uma informação geográfica abrangente, pois, entende-se que a geografia não pode se resumir e ficar direcionada apenas a um livro, pelo contrário, é muito útil em nossas vidas.

No século XIX os geógrafos passam a utilizar as paisagens como principal recurso de pesquisas, geralmente repletas de elementos naturais, como: vegetação, relevo, rios e oceanos, as chamadas paisagens naturais, onde o homem não teve sua atuação. A partir do momento em que o homem passa a atuar sobre as paisagens naturais, modificando-as, o que antes eram naturais vão se transformando em urbanas, a exemplo: as construções das cidades, a instalação das indústrias, dos comércios, entre outros. Estas transformações passam a ganhar uma maior atenção por parte dos geógrafos, em decorrência dos impactos que estas proporcionam, isto é, modificação da natureza em meio ao estabelecimento das atividades humanas.

Considerando esta realidade, percebe-se a complexidade em que se estabeleceu a relação homem-natureza. Faz-se assim necessário que, como instrumento do processo de ensino em Geografia, o docente reflita e elabore metodologias que objetivem a melhoria do seu trabalho em sala de aula, transmitindo aos educandos o verdadeiro sentido e objetivo da geografia escolar, desprendendo-se do modelo de ensino tradicionalista pautado apenas no uso do livro didático e da reprodução dos conteúdos.

No ensino atual, mesmo sabendo o valor da geografia crítica, alguns professores ainda continuam trabalhando de maneira tradicionalista e isso faz com que os educandos tenham a visão de que a Geografia é uma disciplina desnecessária, tendo como serventia simplesmente decorar nomes de rios, lagos, regiões, países, entre outros. Dessa forma, as aulas se tornando cansativas e monótonas, nos quais os alunos são meramente expectadores no processo de ensino-aprendizagem.

O ensino de geografia, em alguns casos, é voltado para a reprodução, mesmo depois de tantas inovações o que se preza é se o aluno memorizou ou não o que foi trabalhado em cada série, algo ultrapassado e fora de cogitação, o essencial é se trabalhar a realidade social dos alunos levando em conta o ambiente que eles estão inseridos associarem à teoria à prática, tendo assim um melhor aproveitamento no processo de ensino-aprendizagem, e entendimento da disciplina e conteúdos geográficos.

As metodologias adotadas pela maioria dos educadores é considerada um problema para o ensino da geografia, onde se trabalha de forma repetitiva conteúdos prontos e acabados, conhecimento esse que não foi construído juntamente com o aluno, privando esse de ser um ser pensante e construtor do conhecimento, surgindo assim à necessidade de se trabalhar com um ensino inovador e que seja capaz de formar cidadãos críticos capazes não apenas de memorizar conceitos e conteúdos e sim formar os seus próprios conceitos a partir do que é construído em sala de aula.

Didaticamente, o espaço geográfico pode ser entendido como o natural modificado permanentemente pelo homem, por meio de seu trabalho e técnicas por ele utilizadas, ou seja, é algo mutável que se constrói com o tempo, é modificado de acordo com o processo histórico. Dessa forma, percebe-se que o espaço de antes não é o mesmo de hoje teve mudanças em seus aspectos físicos sociais e culturais, principalmente quando é modificado com a ação do homem sobre o meio. Com o surgimento das novas tecnologias, as paisagens naturais são constantemente modificadas pela ação antrópica e também natural onde o ser humano tem o controle sob a mesma, mas a natureza continua determinando tudo ou quase tudo, o conceito de espaço também vem se modificando com o tempo.

Na geografia tradicional só se trabalhavam os conceitos, logo depois se percebem as mudanças, então se entende que os conceitos não são o suficiente para sua compreensão efetiva, e assim surge a Geografia quantitativa que passa a analisar o espaço e suas relações, os modos de vida e como se relacionam as classes. Em seguida surge a Geografia crítica que diz que o espaço é totalmente apropriado pelas pessoas que ali habitam e que se apresentam nas relações políticas econômicas sociais e culturais, mesmo com essas mudanças o espaço não deixa de ter traços do passado que mesmo com suas modificações não deixam de existir.

O conceito de espaço nunca foi definido como algo imutável, uma vez que passa por mudanças ao longo do tempo, mas com características próprias de cada local, algo mutável e diferenciado na visão de cada autor ou de cada geógrafo, através da sua maneira de o ver e de o representar, através de sua visão. Isso significa que os conceitos têm diferentes sentidos, que são definidos historicamente.

Na visão de Santos (2004), o espaço é composto e formado por elementos do passado e do presente, que são modificados mediante a ação humana, isto é, para que o espaço seja transformado em espaço geográfico é necessário a presença da sociedade que se estabeleça neste ambiente, o transformando e o consolidando em meio a características próprias. O autor afirma ainda que o espaço deve ser considerado em sua totalidade, de modo que a sociedade lhe constitua, portanto, para que haja o espaço, este deve ser organizado pelo homem que dele se apropria de acordo com sua necessidade e passa a moldá-lo de acordo com suas funções. Considera ainda que esta mudança ocorrerá de forma mais acelerada quando recorrer-se as novas tecnologias do meio técnico científico informacional, sendo o espaço visto como instância social e o homem é que o organiza. Historicamente, o espaço é tratado como a morada do homem e como um lugar de vida, constantemente reorganizado.

De acordo com Vidal De La Blache (1982), o meio é entendido como local onde coabita o diverso e seria sinônimo de adaptação, ou seja, o homem se apropria do meio em que vive capaz de transformar o espaço de formas diversas se adaptando de acordo com sua necessidade, de acordo com a cultura e utilizando de diferentes técnicas, formando assim um território com características próprias de cada local.

Moreira (2009, p. 15), enfatiza em seus estudos a importância do conceito de formação econômico-social, que abarca as classes dominantes e o modo de produção. O arranjo espacial é visto como expressão fenomênica do modo de socialização da natureza e dos termos de sua configuração em formação econômico-social e o espaço organizado socialmente para formação sócio espacial que para a expressão fenomênica da complexa trama da formação econômico-social.

O espaço é formado através das relações desenvolvidas entre sociedade e natureza, ou seja, o homem modifica e o constrói de acordo com as suas necessidades para sua sobrevivência. Dessa forma, o espaço geográfico é dinâmico e está em constante transformação, sendo modificando ao longo do tempo.

1.1 ENSINO-APRENDIZAGEM E GEOGRAFIA: A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

O processo de ensino e aprendizagem está relacionado ao aprender e ensinar, no qual professores e alunos terão que estar intrinsecamente interligados, intimamente relacionados. Esta relação, segundo Andrade (2002, p. 09), nos remete a uma concepção de que o processo de ensino-aprendizagem tem uma estrutura e um funcionamento sistêmico, isto é, está composto por elementos estreitamente relacionados. Para que esse processo possa se consolidar é necessário à presença de professores e alunos no ambiente escolar cada um desempenhando o seu papel para que a aprendizagem seja significativa.

Para Sousa (2005, p. 35):

Aprender e ensinar constituem duas atividades muito próximas da experiência de qualquer ser humano: aprendemos quando introduzimos alterações na nossa forma de pensar e agir, e ensinamos quando partilhamos com o outro, ou em grupo, a experiência e os saberes que vamos acumulando.

Dessa forma, entende-se que a tarefa de educar não é fácil, não é apenas passar informações vai muito além, o professor é mediador do conhecimento e precisa estar em constante interação com os educandos, propiciando um ambiente dinâmico no processo ensino-aprendizagem, dessa forma facilita a construção do conhecimento. Para tanto, deve haver um interesse por parte do aluno em sala de aula:

A falta de interesse do aluno em sala de aula tem sido motivo de reflexões de muitos professores. Algumas críticas têm sido feitas por educadores e pesquisadores de um modo geral, responsabilizando a forma como são trabalhados os conteúdos em sala de aula e, fundamentalmente, centram-se no distanciamento desse conteúdo da vida dos estudantes. Esses conteúdos, muitas vezes, estão dissociados da realidade dos alunos, por não contemplarem suas experiências pessoais e nem fazer sentido algum em suas vidas. (REZENDE, PIRES, 2009, p. 02).

Tendo em vista tais concepções, o ensino de geografia não ocorre de forma correta na maioria das escolas, o que leva a falta de interesse dos discentes e cabe ao professor desapegar muitas vezes do currículo e fixar suas práticas na valorização da realidade vivenciada pelos educandos e seus conhecimentos prévios.

Sabe-se que o ensino pode ocorrer de diversas formas do tradicional ao moderno, e que esse se modifica a cada dia, e o professor tem que procurar adaptar e buscar metodologias inovadoras para a sala de aula que facilitem o processo de ensino-aprendizagem. Nesse aspecto, cabe ao professor ver e rever o papel de ensinar, sempre se interrogar o que ensinar? Para quem ensinar? Fugir um pouco do ensino tradicional onde o docente era o dono do saber, e o aluno apenas memorizavam os conteúdos e depois era submetido a uma avaliação para testar seus conhecimentos, que eram esquecidos com o passar do tempo.

O educador deve pensar a cada dia suas práticas em sala de aula, não há ensino sem pesquisa, nem pesquisa sem ensino, ou seja, deve sempre está pesquisando e inovando suas metodologias de ensino, conhecer o que se passa em cada época específica, e assim se chegar ao conhecimento e construir outros com seus educandos. Ensinar é tarefa do professor, que tem o papel de construir juntamente com os educandos fazendo com que eles criem seus próprios conhecimentos. O aluno não pode ser passivo, nesse processo faz-se necessário espaço para expressar e expor seu ponto de vista.

O docente deve tornar seus conteúdos mais interessantes, atrativos e desafiadores, despertando nos discentes, propostas inovadoras em sala de aula para chamar atenção dos mesmos, buscando sempre um ensino de qualidade e o interesse durante as aulas. Outro fator importante é observar quais são os seus conhecimentos prévios, procurando apresentar os elementos essenciais para que os alunos se sintam motivados. Para Burochovitch e Bzuneck (2004, p. 13):

A motivação tornou se um problema de ponta em educação, pela simples constatação de que, em paridade de outras condições, sua ausência representa queda de investimento pessoal de qualidade nas tarefas de aprendizagem”. E, ainda, “à medida que as crianças sobem de série, cai o interesse e facilmente se instalam dúvidas quanto à capacidade de aprender certas matérias”.

A motivação deve ser algo preocupante para os educadores, pois o aluno desmotivado causa um baixo rendimento no processo de ensino-aprendizagem, passa de uma série para outra com dificuldades em aprender determinadas matérias. Dessa forma, o papel do professor e

também da família do aluno é motivá-lo, para que seja possível um processo de ensino de boa qualidade, e um sucesso profissional positivo.

O aprender em Geografia não pode ser diferente tem que ser significativo, com a interação professor aluno exige intenção por parte de quem ensina como também por parte de quem aprende. Ou seja, tem que haver uma troca de informações, a construção dos conhecimentos deve partir das informações prévias dos alunos, de acordo com a realidade que eles estão inseridos, assim talvez pode-se chegar a uma aprendizagem transformadora. Nessa perspectiva, o professor de Geografia não deve apenas informar conceitos geográficos, e assim, fazer com que o aluno aprenda e entenda os mesmos.

Nesse sentido, é necessário que o docente seja um agente ativo no processo de ensino e aprendizagem, é claro que o ensino de Geografia não pode ser trabalhado apenas com conceitos prontos e acabados. Em alguns momentos os educadores utilizam os métodos tradicionais, mais não se pode deixar prevalecer em sala de aula, pois, se isso continuar pode proporcionar a falta de interesse por grande parte dos alunos.

Pensar uma aula de Geografia na qual se explora apenas os conceitos básicos, repassando o que está no livro didático é desmotivador, tendo como consequência, uma aprendizagem pouco significativa. É preciso planejar uma aula que explore de diferentes formas o tema proposto, no qual o aluno construa novos saberes sistematizados no processo de ensino e aprendizagem.

O ensino de Geografia permite que os alunos tenham uma visão mais ampla e clara e compreendam o espaço que estão inseridos, conhecer o mundo como um todo do local ao global, conhecer e reconhecer paisagens, territórios e lugares e suas principais características, entender a relação do homem com o meio em sociedade, isso em diferentes espaços e tempos, ficando visível a importância da disciplina para o ser humano na sociedade. Assim,

É verdade que a Geografia, no contexto de muitas outras ciências, pode ser considerada uma disciplina relativamente, “Nova”, mas é certo que o homem, desde as cavernas, sempre foi capaz de observar, comparar e refletir a relação entre gentes e naturezas, sendo, por isso e em certo sentido um geógrafo (WOOLDRIDGE, GORDON, 1967, p. 13).

Mesmo sem a Geografia enquanto ciência o homem já era capaz de entender o mundo desde os primórdios, adaptando-se a ele e buscando maneiras para viver melhor se apropriando da natureza e dos recursos que essa oferecia a eles desde o momento que buscavam meios de sobrevivência. Nessa perspectiva, os geógrafos, passaram a analisar o meio em que vive, no

qual se entende a importância da Geografia, do espaço geográfico e das relações do homem com o meio, sendo o homem um dos agentes transformadores da natureza. Nesse contexto, percebe-se a relevância de ensinar Geografia e como deve ser no processo de Ensino-aprendizagem.

Nessa perspectiva, faz-se necessário utilizar uma metodologia eficaz para que o discente possa ser crítico capaz de entender as mudanças que ocorrem no mundo contemporâneo, globalizado onde existem mudanças diárias. Sendo assim, uma pessoa sem um conhecimento efetivo, será incapaz de ter uma visão mais ampla do mesmo, e até dificulta em explorar seus recursos necessários para sua sobrevivência.

O ensino de Geografia é relevante e o professor tem um papel muito importante: o de facilitar o conhecimento. Mas para que isso ocorra é necessário preparar uma boa aula, usar metodologias que levem o aluno a construir uma aprendizagem transformadora, que seja capaz de resolver quaisquer situações em sociedade.

Essas aulas devem ser ministradas de forma diferenciadas, associar à teoria à prática aproveitar seus conhecimentos prévios, e fazer com que eles construam os seus próprios conceitos. O professor não pode e nem deve dar tudo pronto e acabado, apenas facilitar a aprendizagem em sala de aula e fugir um pouco das aulas expositivas sair da teoria e ir para a prática, fazer uma união das duas, obtendo um melhor resultado no processo de ensino e aprendizagem.

As novas tecnologias chegam as salas de aula e favorecem o ensino de geografia. Os docentes devem se adaptar a elas, desenvolvendo novas maneiras de se ensinar geografia. Para que esses recursos sejam utilizados de forma útil é preciso conhecê-los e manipulá-los, pois não adianta ter essas tecnologias e não saber usar tem que utilizar em determinados conteúdos em sala de aula.

Outro momento importante e indispensável para a execução uma boa aula é o planejamento, pois é através dele que o professor terá a oportunidade não apenas de preparar a aula, mas poderá dialogar com os demais professores acerca de diversos fatores que possam estar interferindo na aprendizagem dos alunos, coletiva e individualmente, também podendo conhecer, se for o caso, a realidade dos alunos, suas habilidades e dificuldades. Partindo desses princípios os docentes podem organizar suas aulas e os recursos que serão trabalhados para cada tema proposto. Os professores, sejam eles de Geografia ou de quaisquer disciplinas, devem estar sempre aprendendo e reaprendendo pois, a cada dia, este estará exercendo seu papel de formador de cidadãos capazes de viver e conviver em sociedade e não apenas para ingressarem no mercado de trabalho.

2 OS RECURSOS DIDÁTICOS: METODOLOGIAS A SEREM TRABALHADAS

Em decorrência das transformações ocorridas ao longo dos anos e que influenciam diretamente o processo de ensino-aprendizagem, os recursos didáticos tornam-se instrumentos indispensáveis e de grande importância. No que diz respeito a aplicações dos conteúdos geográficos, desde que sejam usados de forma adequada, os recursos didáticos exercem a função de elemento facilitador da aprendizagem e superam lacunas deixadas pelo ensino tradicionalista. Os recursos didáticos, em suma, vêm facilitar o aprendizado em sala de aula, mas o que não se permite esquecer é que esses recursos não se resumem apenas ao livro didático como algo único.

Conforme expressa Castoldi e Polinarski (2009, p. 685), com a utilização de recursos didático-pedagógicos pensa-se em preencher as lacunas que o ensino tradicional geralmente deixa, e com isso, além de expor o conteúdo de uma forma diferenciada, faz os alunos participantes do processo de aprendizagem. Para Souza (2007, p. 11):

Recurso didático é todo material utilizado como auxílio no ensino-aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado, pelo professor, a seus alunos. A variedade de recursos didáticos que podem ser utilizados é grande, principalmente para os professores de Ciências Naturais, por ser uma disciplina multidisciplinar que trabalha com conteúdo de Física, Química e Biologia e Temas Transversais.

Refletindo acerca das considerações do autor, temos que usar os recursos didáticos diferenciados, o que não foi superado pela grande maioria dos professores que, ao invés de facilitar a atividade, acabam por prejudicar os discentes em sala de aula. Muitos não estão preparados para aplicá-los de forma satisfatória, passando a utilizar como recursos exclusivamente os livros, o quadro negro e o giz, dificultando a aprendizagem.

O professor tem que utilizar os diversos recursos didáticos existentes visando um melhor entendimento sobre determinados temas. Fazer dinâmicas, desenvolver jogos, realizar Estudo do Meio associando teoria à prática, são práticas que tornam o ensino inovador, satisfatório e longe do tradicionalismo que não levam o aluno a um pensamento crítico. O mesmo precisa ser usado de forma dinâmica, sendo adaptado a outras ferramentas como mapas, atlas, fotografias, diagramas etc., como também, buscar mais informações em jornais e revistas, fazendo ainda com que os alunos tenham um contato com esses materiais e diversificando as metodologias em sala de aula, tornando as aulas mais atrativas e dinâmicas.

2.1 O LIVRO DIDÁTICO

O livro didático é considerado de grande importância no ensino de geografia, pois ele através de seus conteúdos é capaz de proporcionar um conhecimento amplo de mundo para os educandos, mas esses conhecimentos devem sempre, indissociavelmente, ser associados com a realidade dos discentes. Caso contrário, torna-se um aprendizado vago e fora da sua realidade, fazendo com que o professor adote novamente o método tradicionalista em sala de aula, uma geografia tradicional e limitada, privando os alunos de terem uma percepção ampla do mundo que o cercam, de formarem uma opinião própria a respeito dos fatos e acontecimentos que estão ao seu redor.

Vesentini (1989, p. 167), afirma que ao invés de aceitar a “ditadura” do livro didático, o bom professor deve ver nele, tão somente um apoio ou complemento para a relação ensino-aprendizagem que visa a integrar criticamente o educando ao mundo (...). O livro didático, bem como o livro de geografia, de maneira específica, deve ser usado de forma cuidadosa pelos educadores, não podendo estes adotá-lo como único recurso de construção do conhecimento em sala de aula.

Como já sabemos, nós professores queremos formar indivíduos críticos capazes de construir seus próprios conhecimentos e de compreender o espaço que estão inseridos. Indivíduos capazes de resolver as problemáticas do cotidiano. Para isso, associar os conteúdos do livro com sua própria realidade se faz necessário, trabalhando, por exemplo, as categorias geográficas voltadas para seu cotidiano.

Conforme menciona Callai (1999, p. 58), (...) a Geografia que o aluno estuda deve permitir que ele se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento”. Cabe ao educador levar esse entendimento dos alunos, fazer com que eles entendam que o ensino geográfico se dá na relação do homem com o meio no processo de desenvolvimento, isto é, que nós seres humanos estamos presentes nesse processo, levar um conhecimento mais contextualizado. Este processo deve levar em consideração a necessidade de compreensão dos processos e fenômenos responsáveis pelas diferentes formas de organizações, sejam elas culturais, sociais ou naturais. De acordo com Libâneo (1994, p. 128):

Não basta a seleção e organização lógica dos conteúdos para transmiti-los. Antes, os próprios conteúdos devem incluir elementos da vivência prática dos alunos para torná-los mais significativos, mais vivos, mais vitais, de modo que eles possam assimilá-los ativamente e conscientemente.

Um bom profissional que se comprometa com a educação é aquele que se preocupa com a formação do aluno, tornando-os cidadãos detentores do conhecimento, fugindo assim do ensino tradicional, com métodos mais atrativos, valorizando a realidade dos alunos, nunca se distanciando dela, encaminhando-se para a compreensão da realidade social refletida pelos diversos lugares.

Para se trabalhar as categorias geográficas, muitas das vezes, faz-se necessário à utilização do livro. Entretanto, não devemos se prender a este único recurso. Para se trabalhar paisagens é importante expormos o conceito, fazendo com que os alunos compreendam e, em seguida, criem possibilidades para um debate sobre o que entenderam sobre paisagens, os tipos e como se transformaram ao longo dos anos. É importante que professores e alunos considerem, principalmente, o diálogo sobre as características das paisagens nas quais estes estejam inseridos.

Outro fator importante é a necessidade de se fazer a diferenciação entre paisagens rurais e urbanas, de modo que os próprios alunos associem as semelhanças e diferenças existentes entre o lugar onde eles residem e o outro ambiente, e esse é um dos propósitos elencados a partir da realização deste trabalho. Esta metodologia, dependendo da situação, pode ser aplicado nas demais categorias geográficas (região, território e lugar), sempre voltadas para a realidade dos alunos, tornando as aulas mais proveitosas e dinâmicas.

Nesta perspectiva, cabe a nós educadores trabalhar os conceitos baseados na vivência de nossos alunos. O livro didático, por vezes, ultrapassará os limites teóricos e começara a fazer parte da vida social do aluno, tornando o estudo da geografia muito mais dinâmico, atraente para ele. Silva (1996, p. 08), salienta que:

O livro didático é uma tradição tão forte dentro da educação brasileira que o seu acolhimento independe da vontade e da decisão dos professores. Sustenta essa tradição o olhar saudosista do país, a organização escolar como um todo, o marketing das editoras e o próprio imaginário que orienta as decisões pedagógicas do educador. Não é à toa que a imagem estilizada do professor o apresenta com um livro nas mãos, dando a entender que o ensino, o livro e o conhecimento são elementos inseparáveis, indicotomizáveis. E aprender, dentro das fronteiras do contexto escolar, significa atender às liturgias dos livros, dentre as quais se destaca aquela do livro “didático”: comprar na livraria no início de cada ano letivo, usar ao ritmo do professor, fazer as lições, chegar à metade ou aos três quartos dos conteúdos ali inscritos e dizer amém, pois é assim mesmo (e somente assim) que se aprende.

Uma escola dinâmica é uma escola que vai além do tradicionalismo nas aulas e também foge, se liberta, de um ensino de geografia baseado em decorar textos. O livro didático já é visto como tradição, utilizado desde os primórdios em sala de aula e tem sua importância voltada a

sistematização dos conteúdos tornando-se alvo de críticas por parte de muitos professores na academia por não contemplarem os paradigmas formulados pelas atuais reformas curriculares e por não considerarem as mudanças ocorridas nos últimos anos. De tal modo o livro didático vem sendo usado nas aulas de geografia como recurso único, influenciando diretamente nas práticas docentes em sala de aula. Esta prática torna às aulas mais mnemônicas e cansativas e levam os alunos ao desinteresse. Muita das vezes a escola não permite que o professor tenha a autonomia necessária para ministrar uma boa aula, requerendo que este apenas cumpra seu papel tal qual está no currículo, prejudicando o rendimento em sala de aula.

Para se ministrar uma excelente aula de geografia, é necessário associar os conteúdos a vivência dos alunos, e levar em consideração que cada pessoa pensa de forma diferente, e, portanto, devemos buscar trabalhar as particularidades, para se chegar ao coletivo, procurar saber se os alunos dominam determinados conteúdos e tem capacidade de se expor de forma bem clara, em relação aos conteúdos geográficos, e também saber que cada aluno aprende de forma diferente: uns mais rápidos, outros mais tardios. Mas para que o educador tenha certeza que todos aprenderam, vale ressaltar que uma boa aula de geografia não é aquela que se memoriza tudo depois se esquece com o passar do tempo, e nem é aquela mesma de todo dia sempre expositiva, o educador deve buscar aprender outras situações de aprendizagens, com contribuições positivas do conteúdo que acabou de ministrar.

A escolha do livro didático é um momento muito importante, pois o mesmo será utilizado por pelo menos três anos na escola e o educador deve sempre estar presente na escolha do mesmo, vendo qual se adapta aos seus alunos qual melhor forma de aprendizagem referente ao público que ele será destinado, onde o mesmo será uma ferramenta eficaz a construção do conhecimento, desse modo não fugirá as expectativas de aprendizagem da comunidade atendida pela escola e que sejam capazes de formar pessoas que saibam refletir sobre suas ideias, sobre as relações entre a sociedade e o meio em que vivem.

Mas não basta só que a escolha do livro didático seja bem-sucedida temos que ter professores capazes de formar para a vida, pessoas conscientes capazes de atuar na sociedade, adaptando as informações que o mesmo contém, usando de forma dinâmica no tempo e no espaço. Essa escolha deve ser feita de forma democrática por todos os membros da escola, como professores, gestor, coordenador visando sua aprovação e um bom rendimento no decorrer dos anos, pois o mesmo será utilizado por diversos anos, à escolha de um bom desenvolvimento em conjunto faz toda diferença. Para se trabalhar os conteúdos de geografia no 5º ano é necessário que o professor desenvolva atividades e habilidades diferenciadas para que os alunos compreendam determinadas teorias, haja vista que eles não têm uma boa base dos conteúdos

geográficos que serão trabalhados, como exemplo: a formação do planeta terra, o lugar onde vivemos, a divisão política do Brasil, seus relevos e climas, entre outros.

O Estudo do Meio, por exemplo, assume a função de estabelecer a associação entre teoria e prática. Há de se considerar que não é fácil promover um Estudo do Meio, e que não podemos fazê-lo apenas por fazer, como se fosse apenas um passeio ou viagem. Este é o momento, de associar à teoria à prática, e sempre que possível o Estudo do Meio é extremamente útil.

Através de uma atividade diferenciada o aluno será capaz de conhecer uma nova geografia, não apenas restrita a sala de aula, mas através da pesquisa conhecer novos horizontes, onde o aluno a partir da análise é capaz de perceber o lugar, o espaço e suas mudanças. Mediante a pesquisa, o aluno desenvolverá um aprendizado mais favorável, pois tornar-se-á capaz de visualizar e compreender os espaços de forma diferente. Através do Estudo do Meio e da consequente pesquisa, atrelada a coleta de dados, os conteúdos serão trabalhados em sala de aula de modo a promover a construção de novos conhecimentos, possibilitando ainda a comparação com outros recursos didáticos, como os mapas por exemplo, e dependendo do nível de abstração, a elaboração de gráficos e tabelas também será importante para compreensão dos dados coletados em campo.

Outra forma de se trabalhar o ensino geográfico é através da exibição de filmes e documentários, da audição e análise de músicas, da execução de peças teatrais, etc. Com a música, por exemplo, pode-se trabalhar a questão da água, sendo este um recurso favorável e indispensável à vida na terra. A peça teatral é uma metodologia também muito interessante, pois através dela os alunos podem trabalhar diversos temas, como o da questão ambiental, podendo desenvolver assim a sensibilidade dos alunos e de toda a comunidade em relação aos problemas ambientais que ocorrem e que podem pôr em risco o bem-estar das gerações futuras.

Com a exibição de filmes e documentários em sala de aula, outros tantos assuntos podem ser melhor compreendidos do que com apenas o auxílio do livro didático, já que os recursos visuais detêm de uma peculiaridade que se sobressai frente aos demais, que é a facilidade de reter a atenção dos educandos. Há, ainda, a possibilidade de os alunos, mediante coordenação do professor, ousarem, se usarem mais de um desses recursos como metodologia de estudo, tais como: uma apresentação teatral tendo como inspiração uma música ou um filme, de modo que este envolva não apenas o espírito protagonista do aluno, mas a exposição do conteúdo que esta possibilita.

2.2 RELACIONANDO OS CONTEÚDOS COM O ESTUDO DO MEIO

O Estudo do Meio é de grande importância no processo de ensino aprendizagem, pois através das idas a campo podemos associar a teoria com a prática, partindo do pressuposto que quando utilizamos a metodologia do Estudo do Meio como uma ferramenta pedagógica, permitimos ao estudante deixar de ser um mero receptor de informações, podendo atuar diretamente e construindo seu conhecimento. Logo, o Estudo do Meio possibilita ao estudante participar ativamente de sua aprendizagem e ser um agente transformador do meio, o qual segundo Nidelcoff (1987, p. 10):

(...) é toda aquela realidade física, biológica, humana que rodeia os alunos, estando ligados a ele de uma maneira direta, através da experiência e com a qual estavam em intercâmbio permanente. Não se pode, portanto, precisar os limites do meio, porque, à medida que a criança cresce seus relacionamentos com a realidade que rodeia se tornam imperiosos. O meio é cada vez mais amplo, se estende: meu quintal, minha rua, meu bairro, meu lugarejo, os arredores do meu lugarejo.

A autora supracitada afirma que o meio apresenta diferentes significados de acordo com a idade da criança, logo no início é apenas um bairro, um quintal, uma coisa simples, é uma forma de aproximar-se e vivenciá-los, mas em seguida elas passam a observar o meio, descobri-los de forma mais sucinta, já que são capazes de explicar determinados fenômenos que ali ocorrem, e comparar com outros espaços. Nesse momento, o professor pode ajudar os alunos a ter uma visão mais ampla dos conteúdos geográficos, relacionando-os com o meio, utilizando de metodologias diferenciadas, possibilitando ao aluno a capacidade de ver, analisar e desenvolver a observação e seu ponto de vista sobre o meio, sobre o espaço que ele está inserido.

Um ponto que a autora cita é o trabalho com o meio ambiente, considerando importante desenvolver práticas inovadoras desde as séries iniciais, como forma de trazer para a prática o que pode ser visto de maneira teórica. Participar, na prática, traz consequências futuras para os seres humanos, possibilitando o desenvolvimento de sensibilidades e responsabilidades necessárias para a manutenção do meio ambiente em que vivem.

Para Pontuschka (1986, p. 73, apud PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009):

O diálogo com o espaço e com seus moradores movem aluno e professor a superar o conhecimento primeiro e partir para explicações mais ricas, pois quem interroga o meio tem necessidade de saber como seus variados elementos estão relacionados. Formula hipóteses e tenta verificá-las opera um verdadeiro trabalho sobre o concreto, sobre a realidade vivida, que lhe permite caminhar para um pensamento mais elaborado em direção à abstração.

Assim esse estudo permite aos alunos uma descoberta diante de um meio qualquer seja ele uma paisagem, um espaço rural ou urbano, com novas descobertas possibilitando uma reflexão bem maior, onde irão produzir conhecimentos que não estão nos livros didáticos, o contato com o local, seja ele de sua realidade, ou de outras realidades, permite que eles compreendam que o espaço é dinâmico, que foi se transformando com o tempo, podendo ser modificado naturalmente ou através da ação humana. De tal modo Boscolo (2007, p. 56), enaltece a importância do Estudo do Meio ao considerá-lo como:

Um método, em que a observação do meio simples, participante ou sistemática, permite que os educandos participem da investigação da realidade, em um estudo com critérios estabelecidos com rigor e desenvolvam o pensamento crítico. No método Estudo do Meio, uma sequência de atividades realizadas, que inclui pesquisas teóricas e trabalho de campo, permite que as sensações e a capacidade de observação sejam aguçadas e consideradas na análise da realidade a ser conhecida, favorecendo, em outra etapa, uma síntese que se aproxima do real e com possíveis correlações mais amplas.

É preciso que os educandos entendam que espaço e tempo não se separam, pois, o espaço é construído de acordo com o tempo, onde, por exemplo, a rua, a praça, traz consigo traços do passado, mesmo com as mudanças ocorridas nelas. O método do Estudo do Meio permite os alunos maior aproximação com o meio em que vivem ou também com outras realidades, abrindo a mente para compreender explicar as transformações e o papel do homem na sociedade na organização e na produção do espaço.

De acordo com Pontuschka, Paganelli e Cacete, (2009, p. 173):

O Estudo do Meio é uma metodologia de ensino interdisciplinar que pretende desvendar a complexidade de um espaço determinado extremamente dinâmico e em constante transformação, cuja totalidade dificilmente uma disciplina escolar isolada pode dar conta de compreender.

O Estudo do Meio é algo muito amplo que muitas vezes fica preso a uma sala de aula por uma disciplina isolada, isso ocorre na maioria das escolas, não suprindo as necessidades dos alunos, o Estudo do Meio é interdisciplinar e os professores têm sempre que estar relacionando com a vivência e associando teoria com a prática, este ensino interdisciplinar permite que alunos e professores se empenhem em um trabalho que vai além da sala de aula e com um rendimento bem maior.

2.3 A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DO MEIO

Ao considerarmos os métodos de ensino e aprendizagem existentes, com destaque aqueles que se apresentam como possibilidade de rompimento das barreiras alicerçadas ao longo dos tempos, no que se refere ao pensamento tradicionalista de ensino, o Estudo do Meio surge como uma prática indispensável a compreensão da realidade, a partir das particularidades de educandos e de educadores.

Considerado como um processo causador da curiosidade, responsável pela reflexão e compreensão de situações distintas, o Estudo do Meio se consolida como um exercício diferenciado, que conforme explicita Freire (2003), implica ao educando a construção, a produção do conhecimento, através da sua capacidade crítica, isto é, de observar, de delimitar, de se aproximar, de comparar e de perguntar. Boscolo (2007), define o Estudo do Meio relacionando-o ao exercício da curiosidade, atividade responsável pela persuasão da imaginação e emoções dos educandos, proporcionando assim, a realização de uma análise metódica e rigorosa, tornando o conhecimento a razão de ser do objeto, onde alunos e professores em parceria desenvolvem a construção do conhecimento.

Historicamente, a construção do conhecimento geográfico na Educação Básica é centrada no discurso do professor em aulas expositivas, tendo como um dos principais recursos o auxílio dos livros didáticos (MACHADO; WIEDERKEHR, 2014, p. 04). Entretanto, há de se ressaltar a necessidade de pensarmos, como educadores, em novas formas que objetivamente valorizem o espaço de vivência (o espaço vivido), que este se sobreponha aos limites impostos pelo tradicionalismo. Esta necessidade, associada ao propósito do Estudo do Meio, efetiva-se como uma maneira de contribuirmos para a educação de nossos estudantes, tornando-os capazes de dissociar entre as diferentes realidades existentes. Nesta perspectiva:

O Estudo do Meio pode ser compreendido como um método de ensino interdisciplinar que visa proporcionar para alunos e professores contato direto com uma determinada realidade, um meio qualquer, rural ou urbano, que se decida estudar. Esta atividade pedagógica se concretiza pela imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos (LOPES; PONTUSCHKA, 2009, p. 174).

Outra característica marcante encontrada no Estudo do Meio como método de ensino está relacionada a contribuição que esta tem exercido para o fortalecimento da autonomia institucional das escolas e profissional dos professores. Esta primeira se apresenta como a

evidente ruptura entre sistema arcaico de ensino e escolas, onde estas não detém ao determinado pelas diretrizes operacionais que, muitas das vezes, subestimam a necessidade e importância do Estudo do Meio como componente curricular; a segunda, como frisado anteriormente, se refere ao desenvolver da atividade docente desapegada do livro didático como elemento limitador do processo de ensino, proporcionando a estes expandirem de maneira responsável e motivadora seus conhecimentos, denominados por Lefébvre como conhecimentos imediatos e mediatos.

Nesse sentido:

A sensação é o imediato, o primeiro imediato, o aqui e agora em estado bruto. A percepção, que resulta do entendimento, que já supera as sensações, já as unifica racionalmente, já lhe acrescenta recordações, etc. A percepção é um conhecimento mediato. Mas o imediato, a sensação, apropria-se diretamente desses conhecimentos adquiridos, mediatos. Não existem duas operações distintas. A sensação torna-se um momento interno, um elemento da percepção tomada como um todo. Isso significa que o mediato, por sua vez, torna-se imediato. Dificilmente a sensação entra no conhecimento, propriamente dito, embora seja o seu necessário ponto de partida (LEFEBVRE, 1991, p.107).

Estes conhecimentos, sensações e percepções, sentidas e expressas pelo educador, devidamente transmitidas, serão as responsáveis pelo desenvolvimento do espírito crítico dos educandos. Lopes e Pontuschka (2009, p. 98), enaltecem que para ensinar o educador necessita criar situações e condições didáticas que estimulem a curiosidade e a criatividade, e o Estudo do Meio como prática não apenas de ensino, mas como prática de análise científica, corroborando com a ideia formulada por Cordeiro e Oliveira (2011), na qual os estudantes passam, através desta metodologia, ver a geografia ao invés de ler a geografia, possibilitando uma maior e melhor compreensão do espaço geográfico.

De tal forma, considerando as especificidades apresentadas, alguns passos devem ser seguidos para que o Estudo do Meio obtenha o êxito esperado e alcance os objetivos propostos. Conforme Lopes e Pontuschka (2009, p. 179), para se lograr êxito a partir do Estudo do Meio, os professores dependem de um planejamento flexível, mas rigoroso.

Conforme o quadro 1 podemos observar as etapas de organização para o Estudo do Meio propostas por Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), que possibilitam o desenvolver da pesquisa.

Quadro 1- Etapas da organização do Estudo do Meio.

Etapas	Elementos	Características
Ponto de partida.	Encontro dos sujeitos sociais;	- Momento de reflexão individual e coletiva sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola e o desejo de melhorar a formação do aluno, construindo um currículo próximo da sua realidade;
Opção pelo espaço.	Tema a ser estudado;	- São variados e podem acontecer em lugares próximos ou distantes da escola, não existindo lugares “privilegiados” ou “pobres” para sua realização;
Definição dos objetivos.	Planejamento;	- Pode ser realizado em função dos interesses de seus organizadores e da própria natureza do espaço a ser estudado, com objetivos gerais e finalidades mais específicas; podem ser descritos de acordo com as características e as potencialidades do meio escolhido para o estudo;
Elaboração do caderno de campo.	Roteiro, cronograma, anotações;	- Instrumento tradicional no trabalho de pesquisa, pois desempenha uma função didático-pedagógica fundamental em todas as etapas da realização dos Estudos do Meio, pois fornece instruções relativas à percurso, período, coleta de dados e informações do processo e da observação;
Trabalho de campo.	Conhecendo o espaço;	- É o momento de descobrir que o meio ou o espaço, na inter-relação de processos naturais e sociais é uma Geografia viva, que permitem compreender profundamente a dimensão social da organização do espaço e da influência que essa organização exerce sobre a vida dos homens e mulheres que nele vivem;
Sistematização.	Análise dos dados coletados;	- Processo extremamente cuidadoso, a análise do material obtido e registrado (anotações, fotografias, croquis, desenhos), dos múltiplos saberes, agora enriquecidos, pelas várias experiências e saberes conquistados no campo;
Avaliação.	Divulgação dos resultados;	- Permite aos seus participantes apreciar os resultados, aprimorar os processos e, sempre que necessário, redefinir seus objetivos.

Fonte: Adaptado de Lopes e Pontuschka (2009, p. 179-189).

Além das etapas a serem seguidas descritas no quadro 1, o Estudo do Meio, definido por Marconi e Lakatos (2003, p. 187), divide-se em três grandes grupos: quantitativo-descritivos, exploratórios e experimentais, com suas respectivas subdivisões, como observa-se no quadro 2:

Quadro 2- Tipos de Estudo do Meio e suas subdivisões.

Grupos	Definição	Subdivisão	Característica
Quantitativo- Descritivo	Investigações empíricas, cuja principal finalidade é o delineamento ou análise de características, fatos ou fenômenos;	Estudos de verificação de hipótese	Estudos quantitativo-descritivos que contêm, em seu projeto de pesquisa, hipóteses explícitas a serem verificadas;
		Estudos de avaliação de programa	Consistem nos estudos quantitativo-descritivos que dizem respeito à procura dos efeitos e resultados de todo um programa ou método específico que dizem respeito à grande variedade de objetivos;
		Estudos de descrição de população	São os estudos quantitativo-descritivos que possuem, como função, a descrição de características quantitativas de populações, organizações ou coletividades específicas;
		Estudos de relações de variáveis	São estudos quantitativo-descritivos que se referem à descoberta de variáveis pertinentes a determinada questão ou situação, da mesma forma que à descoberta de relações relevantes entre variáveis;
Exploratórios	Investigações empíricas cuja finalidade é a formulação de questões ou de problemas que desenvolvam hipóteses, familiarizando, assim, o pesquisador ao ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de pesquisas futuras mais precisa;	Estudos exploratório-descritivos combinados	São estudos exploratórios que objetivam descrever determinado fenômeno, como, o estudo de um caso, para o qual são realizadas análises empíricas e teóricas;
		Estudos usando procedimentos específicos para coleta de dados	Estudos que usam procedimentos específicos para coleta de dados e para o desenvolvimento de ideias; são aqueles estudos exploratórios que utilizam exclusivamente um dado procedimento;
		Estudos de manipulação experimental	Consistem em estudos exploratórios que têm por finalidade manipular uma variável independente, a fim de localizar variáveis dependentes que estejam associadas a ela, estudando o fenômeno no meio natural;
Experimentais	Investigações empíricas cujo objetivo é o teste de hipóteses relacionadas ao tipo de causa-efeito, através de um projeto experimental específico, com grupos de controle, mediante seleção por técnica probabilística e manipulações variáveis independentes, e sua finalidade é controlar ao máximo os fatores pertinentes;	---	---

Fonte: Adaptado de Marconi e Lakatos (2003, p. 187-189).

Através da definição do tipo de pesquisa a ser desenvolvida e a consequente organização de suas etapas, o Estudo do Meio se estabelece como sua função de possibilitar desenvolver a integralização do processo educativo na unidade escolar. Outro fator basilar está relacionado a construção de um pensamento voltado a compreensão da complexidade existente entre o natural e o modificado, entre a realidade vivida e a pretendida, suas dimensões e variações. Este conjunto de definições e características, se adequadamente compreendidas por educandos e educadores, poderá, conforme explicitado por Fernandes (2001, p. 43), incorporar diferentes princípios e estratégias didáticas e, dependendo da concepção pedagógica dos educadores, poderão estes discutir diferentes especificidades e temporalidades, suas importâncias e representações, assim definidos em face dos indícios históricos na paisagem, sejam elas natural ou modificada.

3 ESTUDO DO MEIO: UM ESTUDO DE CASO EM UMA TURMA DO 5º ANO

Conforme discutido nos capítulos anteriores, o Estudo do Meio surge como uma possibilidade de os estudantes participarem ativamente do processo de ensino-aprendizagem, de modo a proporcionar que este exerça também o seu papel como agente transformador deste meio. Como visto, seguindo as concepções estabelecidas por Lopes e Pontuschka (2009), o Estudo do Meio realizado nas escolas, independentemente do nível de ensino em que é executado, consolida o processo de ensino-aprendizagem pautado pela composição do olhar crítico por parte dos alunos, principalmente se este for desenvolvido na Educação Básica.

Deste modo, propôs-se desenvolver junto aos alunos do 5º Ano da E.M.E.I.E.F. “Maria de Sousa Lira Muniz”, tendo como base o Currículo estabelecido pela Coordenação Pedagógica da unidade mantenedora da unidade de ensino, uma atividade de Estudo do Meio na qual possibilita-se aos alunos da Escola desenvolverem uma objetiva compreensão acerca das transformações promovidas no espaço pela sociedade, tendo como base a realidade em que vivem, já que estes fazem parte de uma unidade escolar campesina.

Cabe ressaltarmos que a E.M.E.I.E.F. “Maria de Sousa Lira Muniz” (fotografia 1), hoje de dominialidade da rede municipal de ensino, pertenceu até o ano de 2015 a rede estadual de ensino, denominada como Escola Estadual de Ensino Fundamental “Maria de Sousa Lira Muniz”, sendo municipalizada no ano de 2016.

Fotografia 1- E.M.E.I.E.F. “Maria de Sousa Lira Muniz”, comunidade Várzea da Serrinha.



Fonte: Sousa, 2016.

A E.M.E.I.E.F. “Maria de Sousa Lira Muniz” encontra-se localizada na comunidade Várzea da Serrinha, município de São João do Rio do Peixe, Microrregião de Cajazeiras, Mesorregião do Sertão, Estado da Paraíba, a aproximadamente 30 km da Sede do Município.

Figura 1- Mapa de localização da comunidade Várzea da Serrinha, São João do Rio do Peixe-PB.



Fonte: Adaptado de OpenStreetMap, 2016.

É possível observar no mapa de localização que a distância entre a comunidade e a sede do município se destaca como principal obstáculo para realização do Estudo do Meio. A turma do 5º Ano participante do estudo é composta por 07 alunos, regularmente matriculados e com faixa etária entre 10 e 12 anos, todos residentes na comunidade Várzea da Serrinha. Além dos alunos o Estudo do Meio contou com a participação da professora titular da turma que, em meio as necessidades, nos auxiliou durante a realização da atividade.

3.1 SISTEMATIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS GEOGRÁFICOS

O Estudo do Meio, como mencionado anteriormente, teve como proposta promover um estudo acerca das transformações promovidas no espaço em decorrência das diversas atividades econômicas e estruturais necessárias ao convívio em sociedade. De tal modo, com base no Currículo estabelecido pela Coordenação Pedagógica da Secretária Municipal de Educação, norteado pelos conteúdos dispostos no Livro Didático adotado pelo Núcleo Pedagógico da Escola, foi trabalhado junto aos alunos a relação existentes entre os lugares e suas paisagens,

considerando as variações territoriais existentes no município, isto é, o território do campo e o território da cidade, sendo essa temática parte integrante dos livros selecionados através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD-Campo) de 2016, conforme o eixo didático integrante.

A proposta pedagógica definida para a execução da atividade tem como objetivo central respeitar o desenvolvimento da turma, com base em três momentos distintos, complementares ao processo de ensino-aprendizagem, principalmente, nas escolas do campo, sendo eles: a) apresentação e identificação da temática e dos conteúdos a serem trabalhados; b) o aprofundamento teórico e a problematização desta proposta; e c) a socialização derivada dos saberes absorvidos.

Os conteúdos foram definidos e contextualizados considerando as especificidades dos alunos, da comunidade na qual estão inseridos e no conhecimento desenvolvido acerca de outros ambientes que, costumeiramente, estes frequentam. Esta dinâmica favorece o desenvolvimento da autonomia dos alunos frente a realidade que vivenciam, interpretando as situações cotidianas, construindo novos conhecimentos. Para isso pautamos a proposta, a princípio, tendo como base os componentes curriculares e sua textualidade diversificada, favorecendo assim as diferentes experiências de leitura.

O estudo do meio foi realizado com os educandos do 5º Ano da E.M.E.I.E.F. “Maria de Sousa Lira Muniz”, e como estabelecido no projeto de pesquisa, recorreremos as diferentes formas de linguagem para sua efetivação, a exemplo, o uso de mapas, fotos e gravuras, adequando-as às situações de ensino-aprendizagem. Esta prática promove, substancialmente, o estímulo e o diálogo junto a outras linguagens, tais como, o uso da internet e os recursos tecnológicos auxiliares, favorecendo assim, a construção de novos conhecimentos e as abordagens metodológicas múltiplas, objetivando promover a construção do conhecimento através da pesquisa empírica, em três momentos distintos e inter-relacionados:

3.1.1 Trabalho de campo na comunidade

O primeiro momento aconteceu mediante estudo de campo realizado na comunidade da Várzea da Serrinha, possibilitando aos alunos observar e analisar as paisagens do lugar onde vivem mediante acompanhamento e orientação do professor titular, como pode ser observado nas imagens a seguir.

A partir da observação da paisagem local (fotografia 2A), podemos identificar um ambiente conceitualmente caracterizado pela composição dos elementos naturais: solo, relevo, vegetação e condição climática, características da caatinga; de extrema relevância para a compreensão das alterações provocadas na natureza em decorrência da ação antrópica. A paisagem é um dos conceitos basilares da Geografia, é compreendida como a expressão materializada das relações homem-natureza e possibilita analisar o espaço geográfico a partir de sua morfologia, estrutura e divisão, e de suas dimensões técnicas, sociais, econômicas e culturais, como afirma Suertegaray (2001).

As transformações ocorridas na paisagem, independente da intencionalidade, foi produzida pelo homem, de modo que estes atuam e se destacam direta e indiretamente como agente transformador do espaço. Como exemplo de uma das dimensões técnicas, sociais, econômicas e culturais expressas na paisagem (fotografia 2B), temos a atividade agropecuária extensiva, uma das principais práticas desenvolvidas nas comunidades rurais, caracterizada pela criação de pequenos grupos de animais (bovinos, caprinos, equinos, suínos e muares), em pequenas áreas e mediante baixos investimentos, comumente para subsistência, de maneira tradicional e dispensado o uso de recursos tecnológicos.

Fotografia 2- Elementos da paisagem e caprinocultura na comunidade Várzea da Serrinha.



2A



2B

Fonte: Sousa, 2016.

Outra atividade comum no cotidiano da comunidade pesquisada está relacionada as dimensões técnicas, sociais, econômicas e culturais evidenciadas na paisagem, isto é, a necessidade de realização de queimadas, denominadas de “broca da vegetação” (fotografia 3A), realizada com o intuito de remover a vegetação nativa para o plantio de outro cultivo, muitas das vezes de subsistência, desconstruindo a paisagem e demarcando a atividade produtiva dos homens e de seus esforços para habitar o mundo, adaptando-o às suas necessidades.

O sertão nordestino e o sertanejo estão acostumados com uma situação desagradável, tendo sua população que conviver com o fenômeno da seca, devido as condições físicas e estruturais existentes. Pequenos reservatórios localizados nestas comunidades exercem um papel de extrema importância, pois são responsáveis pelo armazenamento de água destinada ao consumo humano, a dessedentação animal e, por vezes, para a irrigação de pequenos plantios. No Estudo do Meio realizado na Comunidade Várzea da Serrinha foi possível realizar a visita a um pequeno reservatório (fotografia 3B), que em virtude da seca, encontra-se totalmente seco.

Fotografia 3- Broca da vegetação e reservatório seco na comunidade Várzea da Serrinha.



3A



3B

Fonte: Sousa, 2016.

A observação da paisagem tipicamente rural nos remete a noção do ambiente natural e seus elementos, característicos da caatinga. No entanto, é possível observar o limite da paisagem como algo além do visível, em um ambiente do qual exista a possibilidade de se atribuir sua naturalidade, resquícios da ação humana podem ser notadas. Foi possível observar

durante o Estudo do Meio, próximo a cerca de arame e a vegetação arbustiva (fotografia 4A), alguns resíduos sólidos lançados pelos moradores, poluindo e modificando o ambiente.

No decorrer do percurso realizado no Estudo do Meio foi possível observar uma paisagem composta pelos elementos naturais e culturais em ambiente rural (fotografia 4B). Trata-se de um pequeno aglomerado de residências, comum de núcleos familiares em comunidades rurais, constituindo assim um ambiente moldado de acordo com suas necessidades, como estabelece Claval (2001), ao expor que no estudo da Geografia a paisagem se constitui através das transformações que o homem realiza sobre o meio natural, moldando o espaço conforme as características culturais dos grupos humanos.

Fotografia 4- Vegetação degradada e residências na comunidade Várzea da Serrinha.



4A



4B

Fonte: Sousa, 2016.

Ao registrar uma das residências através de fotografias (fotografia 5) é possível observar as mudanças físicas e arquitetônicas promovidas pelo tempo, representado pelo desgaste associado aos fenômenos naturais. Em meio a realidade social vivenciada, as famílias destas pequenas comunidades se deslocaram para outras localidades devido as dificuldades e necessidades relacionadas ao fenômeno da seca, desconstruindo o vínculo que o homem estabelece com seu lugar. Há de se considerar as condições socioeconômicas que exerceram influência sobre a necessidade ou não de realizar a recuperação do imóvel.

Fotografia 5- Residência abandonada na comunidade Várzea da Serrinha.



Fonte: Sousa, 2016.

No Estudo do Meio foi possível observar alguns conceitos ligados ao estudo geográfico, como os lugares e as paisagens; a terra, o trabalho e a renda; as populações do campo e suas dinâmicas; o município e as relações campo-cidade, favorecendo o debate acerca de seus costumes e a maneira que se relacionam com o meio ambiente, suas tradições culturais, valores e as relações sociais campesinas.

3.1.2 Análise das imagens da área urbana

O segundo momento, a princípio, seria realizado mediante Estudo do Meio na Sede do Município, de modo que os alunos observassem e analisassem a paisagem urbana, comparando-as e caracterizando-as em relação a paisagem rural. No entanto, devido a indisponibilidade de um veículo para deslocamento dos alunos do campo para a cidade, foi necessário promover a mudança da metodologia estabelecida. Deste modo, o segundo momento ocorreu mediante apresentação de imagens de pontos estratégicos na Sede do Município, permitindo que fossem estabelecidos o desenvolvimento e a definição de conceitos por parte dos alunos, a partir do contexto histórico e social envolvido na diferenciação dos lugares.

Entre as inúmeras imagens possíveis para observação e análise, iniciamos o estudo com um recorte do Centro Histórico do município de São João do Rio do Peixe. Neste fragmento da

paisagem identificamos a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, construída entre 1855 e 1863 pelo Padre José Gonçalves Dantas, é considerada como a responsável pelo desenvolvimento do Povoado de Ribeira do Rio do Peixe em Distrito e, posteriormente, em Vila de São João do Rio do Peixe, sendo esta emancipada em 1881 (PEREIRA, 2009, p. 27).

Fotografia 6- Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, São João do Rio do Peixe.



Fonte: Sousa, 2016.

De acordo com Cartaxo (1975, apud PEREIRA, 2009, p. 28), por esta época a Vila de São João do Rio do Peixe era composta por, 40 casas residenciais, 10 casas comerciais atravancadas de mercadorias, uma igreja, uma cadeia e um cemitério, 500 eleitores e uma intendência. Atualmente, conforme dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o município de São João do Rio do Peixe conta com 5.367 casas residenciais (3.289 em área rural e 2.078 em área urbana), 208 empresas atuantes, 2 agências bancárias, 11 templos religiosos, 58 unidades escolares, uma cadeia, um cemitério e 14.659 eleitores (BRASIL, 2016).

Um dos lugares que caracteriza o processo de desenvolvimento urbano da Vila de São João do Rio do Peixe, na época, é a Estação Ferroviária (fotografia 7A), pertencente a Rede de Viação Cearense, Ramal Paraíba, inaugurada em 1923, na qual linha férrea ligava a Vila ao Porto do Mucuripe em Fortaleza, no Estado do Ceará (VFCO, 2011). Conforme Pereira (2009), a ferrovia foi a responsável pelo escoamento do algodão na época, alimentando a indústria têxtil, sobretudo, a europeia.

Outro lugar de extrema importância para a história do município de São João do Rio do Peixe é o Mercado Público (fotografia 7B). Ambiente responsável pelo desenvolvimento

econômico do município e que serviu como ponto comercial para feirantes e merceeiros por muitos anos, mas que infelizmente encontra-se desativado.

Fotografia 7- Estação Ferroviária e Mercado Público de São João do Rio do Peixe.



7A



7B

Fonte: Sousa, 2016.

De modo a promover a comparação entre os ambientes rural e urbano foi apresentado nas fotografias a seguir um recorte composto por algumas residências e por uma das áreas que representam a religiosidade da comunidade em São João do Rio do Peixe-PB. Essa relação dicotômica pode ser estabelecida visualmente ao a compararmos as fotografias 8A e 8B com a fotografia 5 (residência abandonada na Comunidade Várzea da Serrinha), pois são consideradas a base do objeto deste estudo.

De tal modo, o recorte das paisagens rural e urbana servem de embasamento para a proposta a ser analisada. As fotografias 8A e 8B, respectivamente, apresentam uma fração do núcleo residencial e a Praça de São Francisco, expressando significativamente a ação desenvolvida pelo homem em busca da representação identitária da sociedade nos elementos em evidência.

Fotografia 8- Núcleo residencial e a Praça São Francisco em São João do Rio do Peixe.



8A



8B

Fonte: Sousa, 2016.

O desenvolvimento socioeconômico estabelecido com o passar dos anos proporciona a necessidade de adequação as variações temporalmente estabelecidas. A crescente urbanização traz consigo a necessidade de constituição de unidades prestadoras de serviços, sejam eles secundários ou terciários. Estes setores são responsáveis diretos pelo desenvolvimento social, econômico e cultural das cidades. A seguir, é possível observarmos imagens de alguns destes serviços essenciais ao processo de consolidação da sociedade urbana, contrapondo-se a realidade vivenciada nas comunidades rurais, como visto anteriormente.

Dentre estas instituições, destacamos neste setor da economia, os serviços de educação (fotografia 9), serviços de saúde (fotografia, 10), e serviços bancários (fotografia 11). Estes serviços são essenciais e, de acordo com alguns parâmetros como localização, demografia e gestão, exercem uma maior influência no grau de desenvolvimento das cidades. Para os alunos, identificar estas peculiaridades, foi fundamental a formação de sua cidadania.

Na fotografia a seguir, é possível observar uma das escolas pertencentes a Rede Municipal de Educação, responsável pelo atendimento de crianças cuja faixa etária se enquadre nas modalidades de educação infantil e de ensino fundamental em sua primeira fase.

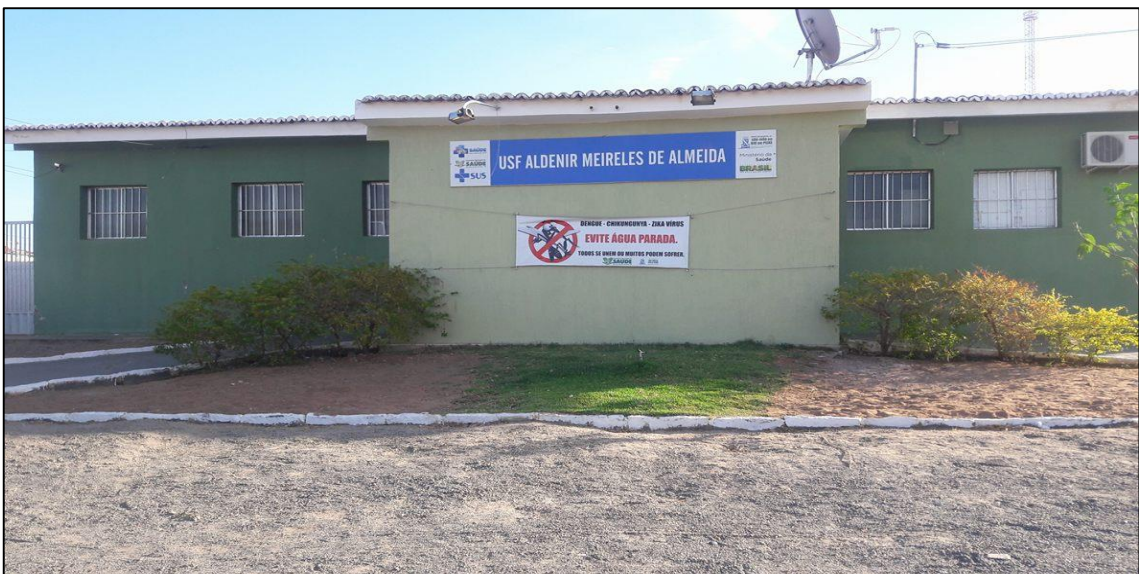
Fotografia 9- Escola de Ensino Infantil e Fundamental em São João do Rio do Peixe.



Fonte: Sousa, 2016.

Na fotografia a seguir, é possível observarmos uma das Unidades de Saúde da Família existentes no município de São João do Rio do Peixe, responsável pelo atendimento da população residente nos bairros localizados no setor oeste da cidade.

Fotografia 10- Unidade de Saúde da Família em São João do Rio do Peixe.



Fonte: Sousa, 2016.

Já na fotografia seguinte, como já mencionado, é possível observarmos uma das agências bancárias locais. Este serviço é indispensável a população, cuja necessidade se

evidencia em face suas características comuns (pagamentos, transferências, empréstimos, etc.), essenciais para os setores públicos e privados daquela localidade.

Fotografia 11- Agência Bancária em São João do Rio do Peixe.



Fonte: Sousa, 2016.

3.1.3 Sistematização através da aplicação de questionários

Posterior aos dois primeiros momentos, conclui-se a pesquisa através da sistematização das informações e do conhecimento obtido pelos educandos por meio das leituras feitas em sala de aula, das observações realizadas em campo e em sala de aula mediante a análise das imagens, através da aplicação de um questionário elaborado pelo pesquisador, cuja finalidade nos possibilita refletir acerca do nível de envolvimento, de reflexão e de compreensão dos alunos frente as duas realidades, as duas configurações distintas: o meio rural e o meio urbano. Também foi aplicado um questionário junto a professora regente, responsável pela turma, com a finalidade de avaliarmos como esta profissional conceitua a atividade de Estudo do Meio, sua importância e os procedimentos adotados para sua realização.

3.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS: A PERCEPÇÃO DOS SUJEITOS

Através da aplicação dos questionários foi possível analisar o grau de compreensão obtidos mediante a sistematização das aulas, em campo e em sala, assim como as discussões

promovidas em decorrência destas, considerando assim, sua característica quantitativa-descritiva. Este procedimento consistiu na averiguação através da pesquisa empírica, tendo como finalidade delinear e analisar as características existentes nos ambientes rural e urbano, bem como o estudo das relações variáveis nestes espaços.

3.2.1 Caracterização e análise dos alunos

A caracterização dos alunos participantes ocorre mediante identificação prévia destes indivíduos assim inseridos em um mesmo grupo social, a partir de sua faixa etária, identidade de gênero e local de residência, das quais informações podem ser observadas na tabela a seguir:

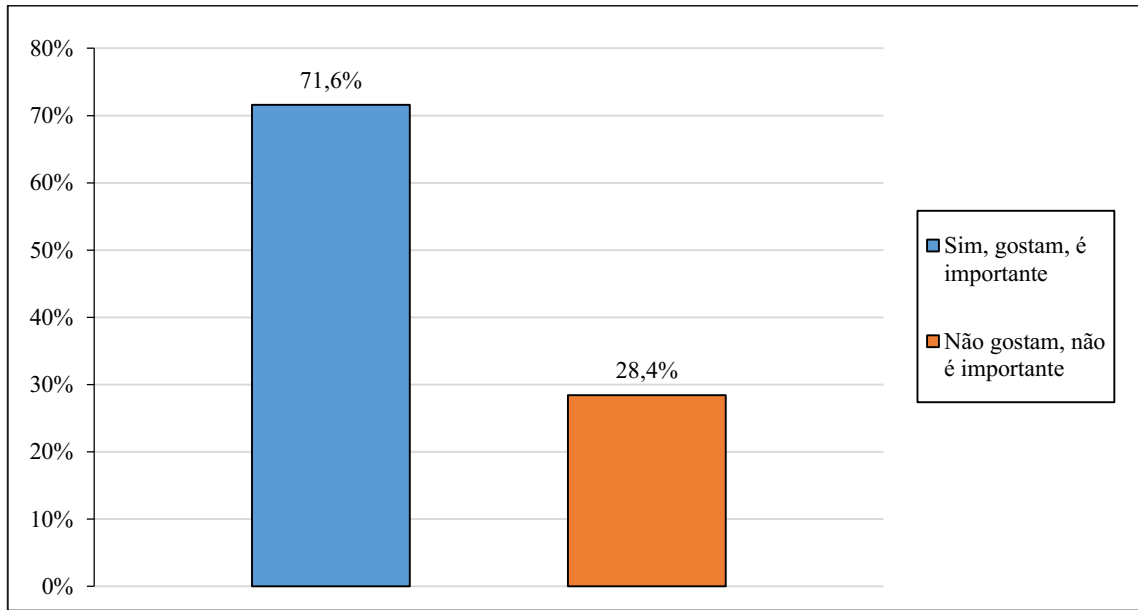
Tabela 1- Caracterização dos alunos participantes do Estudo do Meio.

Caracterização dos Alunos Participantes do Estudo do Meio						
Faixa Etária			Gênero		Local de Residência	
10 anos	11 anos	12 anos	Masculino	Feminino	Zona Rural	Zona Urbana
01	04	02	05	02	07	-
07			07		07	

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

A partir da identificação das propriedades individuais dos alunos foi possível observar que estes encontram-se numa faixa etária lacônica, com uma leve prevalência de crianças do sexo masculino. Estas características exercem significativa defluência no decorrer das inquirições. Partindo dessa premissa, questionou-se aos alunos se estes gostam de estudar Geografia e o que consideram como importante no estudo desta ciência como disciplina escolar.

Em ambos os questionamentos - sobre gostar e sobre considerar importante - foi possível identificar a similitude de opiniões por parte dos alunos. Na oportunidade, 5 alunos afirmaram gostar de estudar Geografia e, conseqüentemente consideram-na importante. Assim, conclui-se que 2 alunos afirmaram não gostar de estudar Geografia e que não a consideram importante, ambas exposições se encontram expostas pelo gráfico 1.

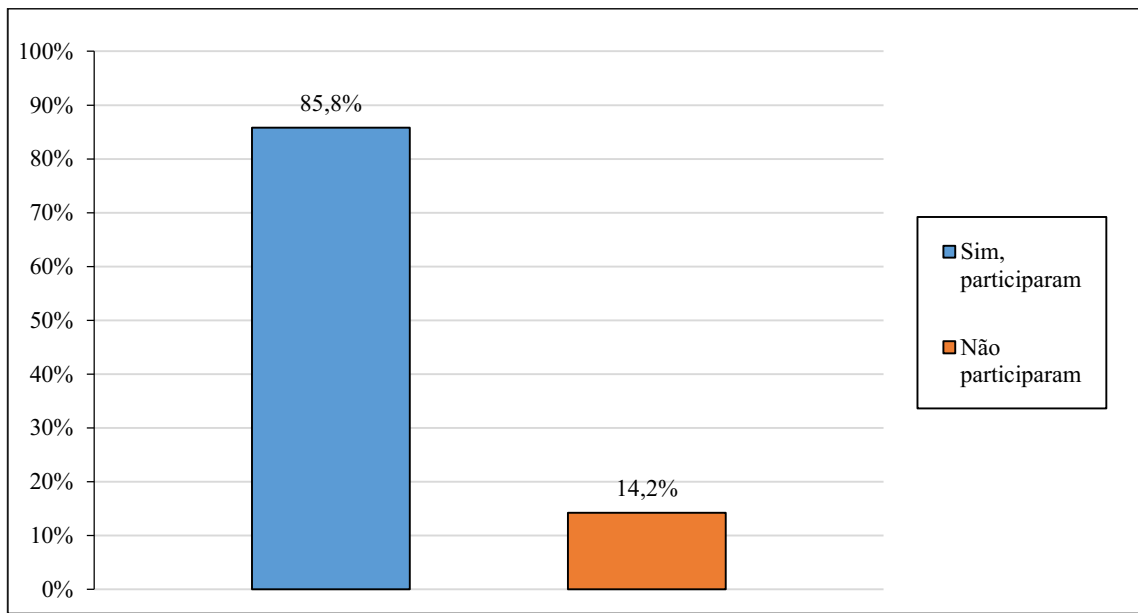
Gráfico 1- Alunos que gostam da disciplina Geografia e se a consideram importante.

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Ao comentarem sobre suas opiniões, os que afirmaram gostar de estudar a disciplina e de esta ser importante, justificam-na por considera-la como sendo uma disciplina que os ensina a relação existente entre o homem e a natureza, aprendendo um pouco de tudo que ocorre no mundo, o meio ambiente e suas constantes mudanças. Todavia, seguindo pensamento contrário, o pequeno número de alunos que se opuseram aos demais justificaram tal afirmativa por considerá-la uma matéria difícil de ser compreendida e, de certa forma, sem importância, não estabelecendo os elementos que assim a constituem.

Ao prosseguir a análise dos questionários, percebe-se a dificuldade dos alunos em se expressar sobre as indagações formuladas, contudo, foi possível abstrair das respostas por eles proferidas, sendo, neste segundo momento, abordado questões referentes ao Estudo do Meio e a devida importância de sua realização.

Deste modo, foi possível observar a quase totalidade dos alunos, cerca de 86% dos participantes deste Estudo do Meio, tiveram a oportunidades de participarem de atividades semelhantes em outros momentos, como pode ser visto no gráfico 2.

Gráfico 2- Alunos que já participaram de atividades de Estudo do Meio.

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

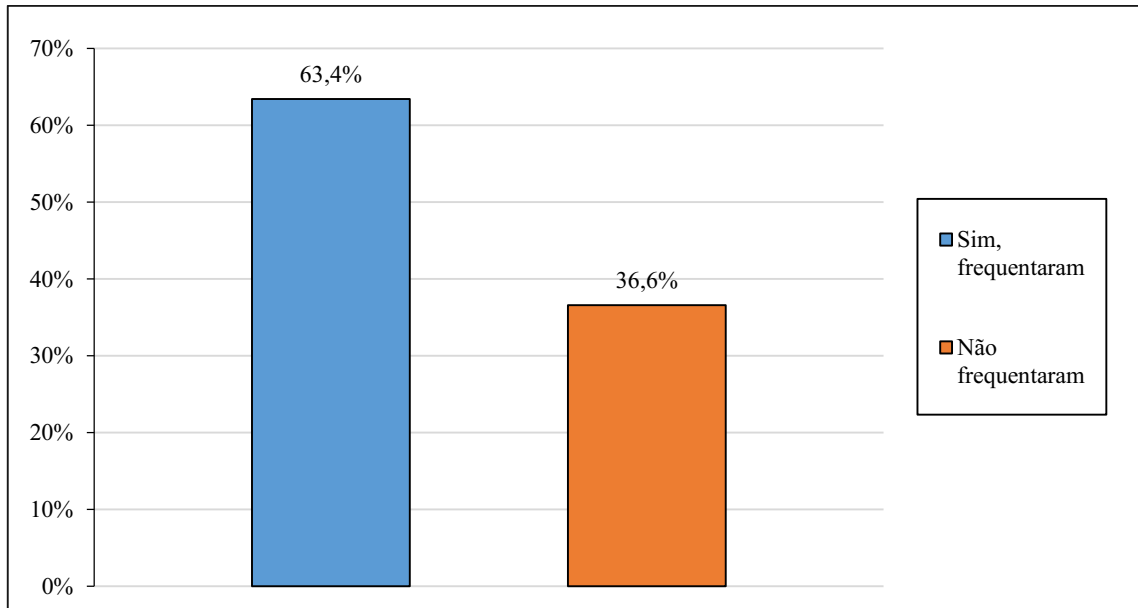
Ao considerarmos a realização desta atividade, somada as experiências em atividades anteriores, os alunos em sua totalidade consideram-na como uma atividade de importância para o processo de ensino-aprendizagem. Afirmam que esta metodologia possibilita aprenderem na prática não apenas os conteúdos concernentes a Geografia, mas também das demais áreas de ensino. Para os alunos, esta atividade possibilitou a eles aprenderem de forma clara as diferenças e transformações existentes nos diferentes lugares, isto é, no rural e no urbano, tendo sido interessante ver todo o conteúdo foi aprendido em sala de aula de uma maneira diferente, na prática, “do lado de fora da escola”.

Esta compreensão sobre os diferentes lugares é de extrema importância para a continuidade da análise do questionário, pois no terceiro momento os alunos foram interpelados acerca do lugar onde vivem, sobre o gostar deste lugar e o que o leva a este sentimento. Foi nesta perspectiva em que se inquiriu sobre o conhecimento por parte dos alunos a outros lugares e quais as diferenças existentes entre o lugar onde vivem e os lugares por eles visitados, de modo a analisarmos a concepção destes sobre os diferentes lugares como categoria geográfica.

Sobre gostarem do lugar onde vivem os alunos foram enfáticos ao afirmarem positivamente. Todos declararam que esta afirmação se justifica em virtude de este ser um ambiente tranquilo, de pessoas simples, sem maldade, enaltecendo inclusive o sentimento de liberdade vivenciado. Há de se considerar que alguns dos alunos, apesar da pouca idade, já residiram em outras localidades, estando assim habilitados a emitirem um juízo de valor acerca

da diferença e relação entre os lugares. Existe ainda o caso de alunos que frequentaram lugares diferentes ao da comunidade Várzea da Serrinha, apresentados no segundo momento da pesquisa (análise das imagens), dos quais dados são observados no gráfico 3, promovendo uma maior compreensão por parte dos alunos em face da metodologia adotada.

Gráfico 3- Alunos que já frequentaram os lugares visitados no Estudo do Meio.



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

As diferenças são evidentes entre os lugares onde os alunos residem e os anteriormente visitados e apresentados nas imagens. Esta diferenciação expressa em meio as repostas no questionário, sendo as principais enumeradas a seguir:

- 1^a) a quantidade de residências, em maior número no meio urbano, assim como suas características, pois, enquanto no meio rural as construções são em sua maioria pequenas, no meio urbano encontram grandes residências, edifícios, entre outros;
- 2^a) a movimentação de pessoas e de veículos, também em maior número no meio urbano, proporcionando assim um maior índice de poluição, sonora, visual e do ar;
- 3^a) os diferentes tipos de atividade (trabalho), já que enquanto no meio rural os moradores, em sua maioria, trabalham na agricultura, no meio urbano a população depende das atividades comerciais ou do serviço público como fonte de renda; e

4^a) as diferenças nas características naturais do meio ambiente, como exemplo, uma maior concentração e distribuição de fauna e de flora, assim como, de recursos hídricos no meio rural;

Seguindo este raciocínio, em face da temática proposta no Estudo do Meio e posterior a sua realização, foi questionado aos alunos o que eles entendem sobre paisagens naturais e paisagens culturais. O que nos chamou a atenção, pois este trata-se do objetivo central da proposta, foi que os alunos absorveram a essência das características que diferenciam estes dois ambientes, afirmando que: paisagem natural são aquelas compostas por elementos da natureza e que não sofreram intervenções externas ao meio; paisagem cultural é aquela composta por elementos que sofreram modificações ao longo do tempo e promovidas pela ação humana.

Tabela 2- Tipos de paisagens naturais e culturais identificadas pelos alunos.

Tipos de paisagens naturais e culturais identificadas	
Paisagens Naturais	Paisagens Culturais
<ul style="list-style-type: none"> • Plantas; • Animais; • Rios; • Açudes; • Seca; • Solos; 	<ul style="list-style-type: none"> • Casas; • Igrejas; • Comércio; • Desmatamento; • Queimadas; • Poluição;

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Observa-se assim que, a partir das explicações da professora durante o Estudo do Meio e nas aulas em sala, os alunos conseguiram compreender estas características e o porquê da ocorrência destas transformações, isto é, a transição de uma paisagem natural para uma cultural. As características são estas dispostas na tabela 2, porém, o porquê destas foram consolidadas em sua totalidade mediante concepção de que o homem a modifica de acordo com seus interesses e necessidades, muitas das vezes afetam negativamente o meio ambiente, a exemplo, o desmatamento, as queimadas e a poluição.

Questionados sobre o que lhes chamaram mais atenção em meio a comparação entre as paisagens, os alunos enaltecem as belezas existentes no meio natural, sua característica paisagística. No entanto, se a paisagem natural nos remete a um estado de tranquilidade, a paisagem cultural e seus elementos nos mostram o contrário, pois, ao tempo em que estas

representam as transformações necessárias ao interesse da população, consigo a agitação e a agressão ao ambiente são fenômenos cotidianos, rotineiros.

Por fim, ao indagar-lhes sobre a importância da realização de atividades do Estudo do Meio com maior frequência, os alunos foram unânimes ao declarar como sendo pertinente o uso desta metodologia com maior frequência, pois a partir dela eles podem aprender com maior facilidade, na prática, os ensinamentos proporcionados em sala de aula, de maneira dinâmica, diferenciada e menos monótona.

3.2.2 Apresentação e avaliação do docente

Habilitada perante o Curso de Magistério da Escola Normal Estadual Ministro José Américo de Almeida, município de São João do Rio do Peixe, no ano de 1986, a professora responsável pela turma do 5º Ano exerce a atividade docente há 31 anos, sempre na E.M.E.I.E.F. “Maria de Sousa Lira Muniz”. Assim como os alunos, a professora reside na comunidade rural de Várzea da Serrinha, facilitando sua atividade docente, tanto pelo fator deslocamento casa-escola, já que é comum vermos professores se deslocando quilômetros de uma localidade a outra para ministrar suas aulas, como pelo relacionamento professor-aluno, já que residem na mesma comunidade.

Questionada sobre o desenvolvimento de atividades de Estudo do Meio como recurso metodológico em suas aulas, a professora declarou que sim, já realizou este tipo de atividade, sendo na maioria das vezes desenvolvida no entorno da própria escola, observando e identificando a paisagem local, suas características e transformações. Como uma das formas de avaliar o conhecimento adquirido pelos alunos a professora solicita que estes descrevessem as paisagens observadas e, oportunamente, através de atividades didático-pedagógicas planejadas antecipadamente, expusessem o conhecimento adquirido mediante a interação aluno-professor.

Ao discorrer sobre como este tipo de atividade é estabelecida a professora afirmou que esta prática se encontra presente na proposta pedagógica do livro didático, sendo possível também promover a interdisciplinaridade a partir desta metodologia. Sua necessidade decorre das constantes transformações promovidas pelo homem sobre o meio ambiente. Cabe salientar que a unidade de ensino, bem como sua entidade mantenedora, aprovam as propostas pedagógicas definidas no livro didático e executada pelos professores mediante práticas interdisciplinares, da qual se enquadra as atividades de Estudo do Meio, sendo possível avaliar positivamente o grau de aprendizagem dos alunos e a relação entre os sujeitos envolvidos.

CONSIDERAÇÕES

É de extrema importância estabelecer que o Estudo do Meio não se conclui com o trabalho de campo. A partir dele é que se inicia um processo de sistematização cuidadoso, onde estudantes e equipe envolvida (coordenadores e professores) reúne, todo o material coletado no trabalho de campo, para que assim se estabeleça a concepção de que o momento posterior ao Estudo do Meio se consolida como o momento da construção do conhecimento, o momento de pensar coletivamente o que revela o conjunto dos registros, que expressam significados, contradições, e até mesmo aspectos relevantes, porém, pouco conhecidos, da história do lugar estudado. Isto pode, de certa forma, proporcionar uma visibilidade ora inexistente.

O Estudo do Meio desenvolvido junto a turma do 5º Ano da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental “Maria de Sousa Lira Muniz” teve como preocupação transparecer aos envolvidos que sua prática se caracterizou como parte do currículo, de modo a atender os objetivos da aprendizagem, como um método diferenciado do habitual e que não poderia, de forma alguma, ser considerado como uma visita a um determinado lugar ou como uma visita esporádica. A principal meta definida pela equipe foi estabelecer junto aos estudantes participante que o Estudo do Meio não se configura apenas como uma atividade desenvolvida fora do ambiente escolar, mas como uma técnica que possibilita estabelecer com clareza o ordenamento das características inerentes dos diversos lugares oportunamente estudados.

No primeiro momento, logo nos arredores da escola, é possível observar algumas especificidades desta região, de certa forma ainda preservada. Entre as modificações relacionadas a antropização deste ambiente foi possível observar, além de um pequeno aglomerado de residências, a ocorrência de pequenas queimadas, necessárias para o cultivo agrícola; a disposição de resíduos sólidos no meio ambiente, decorrente do consumo de alimentos e produto industrializados; bem como da atividade agropecuária extensiva, fundamental também para o consumo dos moradores e como uma fonte de geração de renda, através da prática de compra e venda das criações. Já sobre as modificações relacionadas ao quadro natural, isto é, as condições naturais do ambiente. Foi possível observar os impactos sofridos por conta da estiagem, principalmente na composição vegetal do ambiente, de mesmo modo, esses efeitos também são visíveis frente a escassez de recursos hídricos, também proveniente do longo período de estiagem ocorrido nesta região.

No segundo momento, ao ser apresentada as imagens do ambiente urbano do município de São João do Rio do Peixe, torna-se perceptível (e até impactante) a diferença entre as características destes dois ambientes – o rural e o urbano – principalmente no que se refere a

antropização do lugar. Esta característica se consolida através de alguns fatores comuns a este tipo de ambiente, no qual evidenciamos: o grande número de edificações (prédios comerciais e residenciais); a totalidade de cobertura dos solos, mediante processo de pavimentação; a insignificante disposição da composição vegetal, se comparada ao ambiente rural; e o número excessivo de veículos automotores e, principalmente, ciclomotores.

Ao discorrer sobre tais modificações, são evidentes durante o Estudo do Meio a relação entre os fatos verificados e a teoria constituída, na qual a sociedade modifica a natureza primitiva ou secundária visando atingir seus objetivos e isto acaba por gerar consequências de certa forma cíclicas, positivas ou negativas, de acordo com seu grau de complexidade, tal que a natureza atacada, destruída, munida da sua capacidade de se recompor, se refazer sendo, posteriormente, novamente danificada, degradada. Esta teoria é enaltecida ao tempo em que se descreve as relações unitárias entre homem e natureza, caracterizando-a como uma natureza já humanizada, cujos objetos ou elementos fabricados pelo trabalho humano modificam, direta ou indiretamente, a natureza.

Tais concepções são fundamentais para que se estabeleça e se compreenda a definição de que o espaço geográfico, assim constituído, tornar-se-á uma unidade, cujas práticas espaciais se firmam como base material e física, e que esta modificação é fruto da ação humana em busca de seus anseios, sejam eles econômicos, políticos ou culturais. Assim, o espaço geográfico se constitui, sendo modificado, transformado e moldado através da intervenção humana. Descrever uma determinada passagem, tal como foi possível observar através das imagens capturadas em fotografias e expostas aos alunos, expressa as transformações sofridas pelo meio ao longo processo de organização e reorganização da sociedade e deu-se concomitantemente à transformação da natureza primitiva em campos, cidades, estradas de ferro. Esta descrição pode ser caracterizada como a marca da sociedade sobre o meio natural, especialmente organizadas, constituindo o espaço do homem, isto é, o espaço geográfico propriamente dito.

Ciente das dificuldades, esperamos que este trabalho possa ainda servir de embasamento para pesquisas futuras e que esta atividade investigativa não se contenha a apenas mais um trâmite acadêmico.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. L. B. **O Processo de Avaliação no Ensino Fundamental**. (Monografia). Rio de Janeiro: UCAM, 2002, 40 p.
- ANDRADE, M. C. A. Geografia e a sociedade. In: SOUZA, M. A. A; SANTOS, M; et. al., (orgs.) **O Novo Mapa do Mundo – Natureza e Sociedade de Hoje: uma leitura geográfica**. São Paulo: Hucitec, 2002, 244 p.
- BUROCHOVITCH, E; BZUNECK, J. A. **A Motivação do Aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. 3ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001, 183 p.
- BOSCOLO, D. **Projetos de Estudo do Meio em Escolas Públicas em Santana de Parnaíba-SP**. Dissertação de Mestrado - USP. São Paulo, 2007, 166 p.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **São João do Rio do Peixe: Portal Cidades**. Brasília: IBGE, 2016. On-line.
- CALLAI, H. C. **O Ensino de Geografia: recortes espaciais para análise**. In: CASTROGIOVANNI, A. C. et al. (Org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/AGB, 1999, pp. 57-63.
- CASTOLDI, R; POLINARSKI, C. A. **A Utilização de Recursos Didático-Pedagógicos na Motivação da Aprendizagem**. In: I Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia. Ponta Grossa: UFTP, 2009, pp. 684-692.
- CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001
- CORDEIRO, J. M. P; OLIVEIRA, A. G. **A Aula de Campo em Geografia e Suas Contribuições Para o Processo de Ensino-Aprendizagem na Escola**. Revista Geografia, v. 20, n. 2. Londrina: UFSC, 2011, pp. 99-114.
- CORRÊA, R. L. **Região e Organização Espacial**. 7ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 2000, 93 p.
- CORRÊA, R. L. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, I. E; GOMES, P. C. C; CORRÊA, R. L. (Org.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, pp. 15-48.
- DANTAS, A; MEDEIROS, T. H. L. **Introdução a Ciência Geográfica**. 2ª ed. Natal: EDUFRN, 2011, 210 p. il. ISBN: 978-85-7273-874-3.
- FERNANDES, A. T. C. **Estudos do Meio na Formação Continuada do (a) Professor (a) de História**. Revista Nuances, v. 7, São Paulo: UNESP, set. 2001, pp. 43-52.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 27 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003, 144 p. (Coleção Leitura).
- LA BLACHE, P. V. As Características Próprias da Geografia. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Editora Difel, 1982, 318 p.

LEFEBVRE, Henry. **Lógica Formal / Lógica Dialética**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991, 301 p.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 3ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 1994, 216 p.

LOPES, C. S; PONTUSCHKA, N. N. **Estudo do Meio**: teoria e prática. Revista Geografia, v. 18, n. 2, Londrina: UFSC, 2009, pp. 173-191.

MACHADO, H. C; WIEDERKEHR, N. C. **Importância do Estudo do Meio na Geografia**: estudo de caso na E.B.M Dilma Lúcia dos Santos, Turma 71, Florianópolis – Santa Catarina. In: FERRETTI, O; CUSTÓDIO, G. A. (Org.). Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia (NEPEGEO) Florianópolis: UFSC, 2014.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo, SP: Editora Atlas, 2003. 304 p.

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. 2ª ed. 9ª reimpr. São Paulo, Editora Brasiliense, 2009, 113 p.

NIDELCOFF, M. T. **A Escola e a Compreensão da Realidade**. 15ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, 213 p.

PEREIRA, L. J. A. **A Problemática Ambiental na Cidade de São João do Rio do Peixe - PB**. (Monografia) Especialização em Geografia. Cajazeiras: Universidade Federal de Campina Grande, 2009. 93 p.

PONTUSCHKA, N. N; PAGANELLI, T. I; CACETE, N. H. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. 3ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009, 383 p.

PONTUSCHKA, N.N. Uma outra relação como o tempo e o espaço. Revista Orientação, nº 7. 1986. In: PONTUSCHKA, N.N. PAGANELLI, T. I. CACETE, N.H. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009, 383 p.

REZENDE, D. M; PIRES, L. M. **A Visão dos Alunos do Ensino Médio Sobre o Ensino da Geografia**: um estudo de caso do Instituto Federal Goiano-Campus Morrinhos. In: 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia (ENPEG). Porto Alegre: UFRGS/AGB, 2009, 12 p.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, Edusp, 2004, 288 p.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4ª ed. 2ª reimpr. São Paulo: Edusp, 2006, 260 p.

SILVA, E. T. **Livro Didático**: do ritual de passagem à ultrapassagem. Revista Em Aberto: o livro didático e qualidade de ensino. Brasília: INEP, nº 69, ano 16, jan./fev., 1996, pp. 11-15.

SOUSA, Ó. C. Aprender e Ensinar: significados e mediações. In: TEODORO. A; VASCONCELOS, M. L. (Org.) **Ensinar e Aprender no Ensino Superior**: por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária. 2ª Ed. São Paulo: Editora Cortez/Mackenzie, 2005, pp. 35-60.

SOUZA, S. E. **O Uso de Recursos Didáticos no Ensino Escolar**. In: I Encontro de Pesquisa em Educação, IV Jornada de Prática de Ensino, XIII Semana de Pedagogia da UEM: “Infância e Práticas Educativas”. Maringá: UEM, 2007.

SUERTEGARAY, D. M. A. **Espaço Geográfico Uno e Múltiplo**. Scripta Nova. Universidad de Barcelona, ISSN: 1138-9788. Depósito Legal: B. 21.741-98, N° 93, jul. 2001.

VESENTINI, J.W. (Org.) Geografia e ensino: textos críticos. Campinas: Papirus, 1989. In: CARLOS, A. F. A. **Caminhos da Geografia**. (Org.). 5ª Ed. 1ª reimpr. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

VFCO. Centro-Oeste Brasil. **Rede de Viação Cearense**. Brasília: 2011.

WOOLDRIDGE, S. W; GORDON, E. W. **Espírito e Propósito da Geografia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1967, 189 p.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO A PROFESSORA DO 5º ANO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

QUESTIONÁRIO APLICADO A PROFESSORA DO 5º ANO DA E.M.E.I.E.F. “MARIA DE SOUSA L. MUNIZ”

Questionário aplicado a Professora do 5º Ano Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental “Maria de Sousa Lira Muniz”, mediante pesquisa desenvolvida pela graduanda, Francisca Aldilene Maciel de Sousa, como parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura em Geografia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, sendo este, atividade obrigatória para concessão do título de Licenciada em Geografia.

Idade: _____;

Gênero: () Masculino; () Feminino;

Moradia: () Zona Rural; () Zona Urbana; (Caso resida na Zona Urbana, qual o deslocamento em Km., e o meio de transporte utilizado: ____ km; _____);

Formação Acadêmica: _____; **Instituição:** _____; **Ano de conclusão:** _____

Experiência docente: _____;

1- Você costuma desenvolver a atividade de estudo do meio com os seus alunos?

a) () Sim;

b) () Não;

2- Se você já desenvolveu este tipo de atividade, descreva qual o lugar e a temática estudada.

3- Caso não tenha tido a possibilidade de desenvolver este tipo de atividade, assinale qual o motivo que a impossibilitou:

a) () Disponibilidade de tempo;

b) () Dificuldade financeira (professor e escola);

c) () Burocracia institucional;

d) () Insuficiência logística;

e) () Falta de apoio (permissão) dos pais dos alunos;

f) () Ausência de transporte;

g) () Indisciplina dos alunos;

h) () Dificuldade de aprendizagem;

i) () Outras: _____;

4- O que fez para suprir a necessidade de realizá-la.

5- Esse tipo de atividade, geralmente, faz parte do (a):

- a) () Proposta pedagógica das diretrizes curriculares;
- b) () Proposta pedagógica da escola;
- c) () Proposta pedagógica do livro didático;
- d) () Proposta pedagógica do (a) professor (a);

6- Existe a necessidade da interdisciplinaridade nas atividades de estudo do meio?

- a) () Sim;
- b) () Não;

7- Quais os motivos que viabilizam ou inviabilizam a promoção da interdisciplinaridade nas atividades de estudo do meio?

8- A unidade de ensino e a entidade mantenedora, individualmente ou em simultaneidade, aprovam ou desaprovam as propostas por você e seus colegas docentes em meio a interdisciplinaridade aplicada nas atividades de ensino do meio:

- a) () Aprovam;
- b) () Desaprovam;

9- Após execução da atividade de estudo do meio, foi possível avaliar o grau de envolvimento e aprendizagem dos alunos participantes?

- a) () Sim;
- b) () Não;

10- Classifique-o:

a) () Ótimo;

b) () Muito bom;

a) () Bom;

b) () Regular;

a) () Fraco;

b) () Outro: _____;

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DO 5º ANO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DO 5º ANO DA
E.M.E.I.E.F. “MARIA DE SOUSA L. MUNIZ”

Questionário aplicado aos alunos do 5º Ano da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental “Maria de Sousa Lira Muniz”, mediante pesquisa desenvolvida pela graduanda, Francisca Aldilene Maciel de Sousa, como parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura em Geografia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, sendo esta, atividade obrigatória para concessão do título de Licenciada em Geografia.

Idade: _____

Gênero: () Masculino; () Feminino;

Moradia: () Zona Rural; () Zona Urbana; (Caso resida na Zona Urbana, qual o deslocamento em Km., e o meio de transporte utilizado: ____ km; _____);

1- Você gosta de estudar Geografia?

- a) () Sim;
b) () Não.

2- Você considera essa disciplina importante? Comente:

a) () Sim;

b) () Não.

3- Você já participou de alguma atividade de estudo do meio?

a) () Sim;

b) () Não.

4- O que você considera importante neste tipo de atividade? E Porquê?

5- Você gosta do lugar onde vive?

a) () Sim;

b) () Não.

6- O que o leva a gostar desse lugar?

7- Você já havia frequentado os lugares visitados no estudo do meio, ou lugares semelhantes?

a) () Sim;

b) () Não.

8- Quais as diferenças existentes entre o lugar onde você vive e o lugar visitado?

9- No seu ponto de vista, o que as pessoas fazem em cada um desses lugares?

10- O que você entende sobre paisagens naturais e paisagens culturais?

11- A partir do estudo do meio, quais as paisagens naturais e culturais que você identificou?

12- A partir das explicações da professora no estudo do meio, você conseguiu compreender porque ocorreram as transformações da paisagem natural para a paisagem cultural?

13- O que mais lhe chamou a atenção na comparação entre paisagens naturais e paisagens culturais?

14- Você acha que os professores, inclusive de outras disciplinas, deveriam realizar mais estudos do meio? Porquê?

a) () Sim;

b) () Não.
